

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

N.ºs 6 e 7

SUMMARIO — Para memoria do architecto Possidonio da Silva, por G. Pereira — A sociedade archeologica lusitana, por J. C. d'Almeida Carvalho — Casas antigas, por J. Rasteiro — Noticias archeologicas, por E. R. Dias — Joias de D. Leonor de Aragão — Inventarios antigos — Relatorio da bibliotheca da Associação, pelo visconde da Torre da Murta — Apontamentos de legislação portugueza, por E. R. Dias — As nossas gravuras.

Para memoria

DO

architecto Possidonio da Silva

O sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva nasceu em Lisboa no dia 17 de maio de 1806. Falleceu na sua casa de Campolide, rodeado de sua familia, que o adorava, em 23 de março de 1896.

Foi seu pae Reynaldo José da Silva, mestre geral dos Paços Reaes, e sua mãe D. Marianna Luiza Narcisa da Silva.

Sua familia emigrou para o Brazil em 1807, com a Casa Real. Em 1821 voltou a Lisboa, tendo recebido alguns ensinamentos no Rio de Janeiro. Era um rapaz gentil, applicado, de maneiras cortezes, preocupado já com as maravilhas da Arte. Chegado a Lisboa encetou logo estudos regulares sob a direcção do grandissimo e activissimo artista, Domingos Antonio de Sequeira. Nos annos seguintes recebeu tambem lições de Germano Xavier e de Sendim.

Mais tarde, em Paris, trabalhou com Carlos Perrier, concluindo a sua educação em 1828, feitos os ultimos exames na Academia de Bellas Artes da capital franceza.

Não satisfeito ainda foi para a Italia; dois annos se demorou, principalmente em Roma, onde encontrou ainda o grande Sequeira.

Assim se formou a educação do architecto e archeologo, e do artista. Lidou com os grandes mestres de Portugal, França e Italia. Tomou parte em trabalhos serios no Palais Royal e nas Tulherias. Viu Sequeira, esse astro incomparavel na Arte Portugueza, a desenhar e a compôr.

Entrando em Portugal com o imperador, passada a dolorosa crise da guerra civil, achou-se na lufala artistica da epocha. Teve de propôr e dirigir trabalhos na renovação de grandes edificios e palacios, na improvisação da sala do parlamento, em S. Bento, construcção *provisoria* que durou até ha pouco; na decoraçào e arranjo dos Paços reaes.

A educação superior, o lidar quotidiano com pessoas da mais alta qualidade, e o bello fundo de qualidades e faculdades innatas, a intelligencia, a natural bondade, o bom senso, davam ao sr. Possidonio da Silva uma feição superior, uma affabilidade e cortezia que nunca fraquejava ou na conversa simples, ou no ensinamento e no conselho, ou na sua frequente correspondencia epistolar, ou na direcção de uma assembléa.

Ainda nos ultimos annos, apesar da surdez que progredia, da vista que lhe ia faltando, elle tinha um bom senso superior em dirigir collectividades onde por vezes se misturavam, sem harmonia perfeita, elementos novos e antigos, caturras, serenos e buliçosos. Tinha sempre uma palavra calmante, uma expressão cortez para addiar, um derivativo habil.

Conhecia como architecto os primeiros edificios do paiz, porque os tinha estudado e medido, levan-

tando plantas, alçados e côrtes, podendo ainda comparal-os com os congêneres culminantes que tinha visitado attentamente em França e Italia.

As *memorias* do architecto Possidonio da Silva, a datar de 1821, do ensino de Sequeira até nossos dias, seriam preciosas. Que pena esta de não tenderem os portuguezes eminentes a escrever memorias do que viram e ouviram.

Em 1863 fundou com alguns amigos a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

Para museu e séde da Associação escolheram estas venerandas ruínas do Carmo, monumento singularissimo, onde vive ainda a memoria do santo condestavel. A vasta nave, o cruzeiro, a capella mór e as quatro capellas que a flanqueam, estavam então destinadas a depositos dos mais infimos. O primeiro trabalho foi remover o que o descuido, a ignorancia, a falta de respeito ali haviam deixado accumular depois dos grandes desastres que feriram a fundação de Nun'Alvares.

Pouco a pouco se foram reunindo aqui muitas peças de alto apreço archeologico e artistico. O fundador era infatigavel. Com certeza concorreu para salvar da ruína, da perda e do esquecimento muitas preciosidades.

O sr. Possidonio da Silva dedicou até á ultima hora os seus affectos á Real Associação. Pensava sempre no Carmo; sempre attendia da melhor vontade a quem lhe fallasse na sua instituição querida.

A idade avançada, os longos trabalhos, não impediam que viesse ás reuniões. É este um exemplo notavel de actividade, de crença, de fé.

Todos gostavam de ver aquelle velho *querendo e esperando*, quando vemos tantos novos a desfallecer e descreer.

A sua ultima viagem a Paris, ás festas do centenario do Instituto de França, de que era membro associado, é prova bem frisante da sua força de vontade.

Pessoas de familia, os amigos, lhe fallavam da fadiga de tão longo trajecto, que lhe aggravaria os seus padecimentos; elle insistiu, *quiz* despedir-se da brilhante capital, onde lhe haviam corrido alguns annos de mocidade em trabalhos gloriosos de arte e inspiração. Foi, soffreu muito, os seus males recrudesceram; mas depois, ao receber as suas visitas que o cumprimentavam pela feliz volta, no seu gabinete de trabalho, junto á janella grande aberta ao bello sol de Portugal, aquelle bom velho, de faces macilentas, animadas ainda de enthusiasmos, não fallava de dôres ou de incommodos, e só das magnificas impressões que sentira, das respeitosas benevolencias de que o tinham cercado.

Foi um homem forte e bom; no seu espirito

nunca esmoreceram os santos amores da familia, da patria e da sciencia.

G. PEREIRA.

A SOCIEDADE ARCHEOLOGICA LUSITANA

As antiguidades extrahidas das ruínas de Troia, e onde é que se acham depositadas

(Continuado do n.º 5)

V

Foi, por entre todas essas festas e galas, sempre acompanhadas de um vivo enthusiasmo, nascido das mais sedutoras esperanças, alimentadas e fortalecidas á sombra grandiosa da alta protecção de um monarcha e do amparo e valia de um duque notavel e poderoso, que a Sociedade Archeologica deu começo ás excavações.

As primeiras foram effectuadas desde o 1.º de maio até 2 de junho de 1850, e logo com optimos resultados, cujas noticias muito satisfizeram a El-Rei e não menos ao Duque. Mas, por fatalidade não esperada, o Duque fallecia em 12 de outubro d'aquelle anno. Assim como a sua morte foi uma lamentavel perda nacional, assim foi tambem um grande desastre para a Sociedade.

As excavações continuaram ainda. As segundas desde 4 de outubro d'este mesmo anno até 15 de março de 1851. E as terceiras só mais tarde se executaram, desde 5 de novembro de 1855 a 12 de abril de 1856, mas já mui lentamente e a intervallos, porque os recursos, poucos como eram, tinham-se quasi todos consumido, restando apenas uma insignificante quantia.

Do Governo nenhum auxilio recebeu a Sociedade, nem a concessão de alguma madeira dos pinhaes do Estado para ser applicada ás excavações, e nem sequer uma casa em algum dos edificios de bens nacionaes, onde pudesse ser collocado o Museu da Sociedade.

Quanto aos particulares, os homens abastados não se mostraram dedicados á archeologia e menos dos argentarios sahiram quaesquer quantias para a exploração de minas, d'onde não esperavam arrançar metaes preciosos. Os outros, os homens de letras, os estudiosos, ou illustrados apreciadores de antiguidades, esses respondiam: que não tinham dinheiro e quando muito os seus recursos mal satisfaziam ás suas necessidades, vendo-se impossibilitados de comprarem até alguns livros que lhes eram indispensaveis.

A Sociedade ainda se reunia pela ultima vez,

em 4 de outubro de 1857, para eleger nova direcção, o que se effectuou.

DIRECÇÕES DA SOCIEDADE ARCHEOLOGICA LUSITANA
INAUGURADA SOB A PROTECÇÃO D'EL-REI D. FERNANDO
PRESIDENCIA VITALICIA DO 1.º DUQUE DE PALMELLA

Direcção provisoria, composta dos socios fundadores:

Manuel da Gama Xaro, vice-presidente
Domingos Garcia Peres
Annibal Alvares da Silva
Sebastião Maria Pedroso Gamitto
João Carlos d'Almeida Carvalho, secretario
João Torlades O'Neill, thesoureiro.

(Sessão de 9 de novembro de 1849).

1.ª Direcção efectiva

Manuel da Gama Xaro, vice-presidente
Domingos Garcia Peres
Annibal Alvares da Silva
Sebastião Maria Pedroso Gamitto
João Carlos d'Almeida Carvalho, secretario
Jorge Torlades O'Neill, thesoureiro
Supplentes: Theotonio Xavier de Oliveira Banha
P.º Caetano de Moura Palha Salgado.

(Sessão de 20 de abril de 1850).

Participa-se o fallecimento do ex.^{mo} presidente.
Gama Xaro escusa-se do logar de vice-presidente.

(Sessão de 27 de outubro de 1850).

É eleito presidente vitalicio o 2.º Duque de Palmella.

Vice-presidente, José de Groot Pombo, pela escusa de Gama Xaro.

E supplente, João José Soares, pela escusa de Theotonio Xavier de Oliveira Banha.

Ficando a Direcção assim composta:

José de Groot Pombo, vice-presidente
Domingos Garcia Peres
Annibal Alvares da Silva
Sebastião Maria Pedroso Gamitto
João Carlos d'Almeida Carvalho, secretario
Jorge Torlades O'Neill, thesoureiro.
Supplentes: P.º Caetano de Moura Palha Salgado
João José Soares.

(Sessão de 28 de outubro de 1850).

2.ª Direcção efectiva

José de Groot Pombo, vice-presidente
Domingos Garcia Peres

Annibal Alvares da Silva
Sebastião Maria Pedroso Gamitto
João Carlos d'Almeida Carvalho, secretario
Jorge Torlades O'Neill, thesoureiro
Supplentes: P.º Caetano de Moura Palha Salgado
João José Soares.

(Sessão de 24 de dezembro de 1854).

3.ª Direcção, efectiva

Domingos Garcia Peres, vice-presidente
Antonio Rodrigues Manitto
João Esteves de Carvalho
Henrique Ahrens
João José Soares, secretario
Jorge Torlades O'Neill, thesoureiro
Supplentes: Antonio Thomaz Botelho
Manuel José Vieira Novaes.

(Sessão de 4 de outubro de 1857).

VI

Em resultado das pequenas excavações feitas colheram-se muitas e diversas antigualhas romanas, mas não tendo podido ser collocadas no Museu em Setubal, como determinavam os Estatutos, força foi que ficassem em poder de alguns socios em quanto, por falta de meios, não houvesse casa apropriada.

Diz Ignacio de Vilhena Barbosa, que em Setubal havia um Museu de antiguidades, que pertencia á *Sociedade archeologica* da mesma cidade, e fôra organizado pelo distincto antiquario o doutor Manuel da Gama Xaro; que se compunha o Museu de grande numero de medalhas, urnas, lacrimaes, lampadas, amphoras, e muitos outros objectos achados nas excavações de Cetobriga.¹

O Museu não se fundou em Setubal, posto que os Estatutos determinassem que aqui se fundasse, mas a falta não foi da parte da Sociedade. Carecia de meios, luctava com difficuldades e sem nenhum auxilio dos poderes publicos, tudo obstava ao seu progresso, e afinal acabou.

Lá por fóra estuda-se com vontade e afincos a archeologia, são muitas as pesquisas e as excavações, por toda a parte se estabelecem museus, muitos dos quaes grandiosos e admiraveis. Até entre povos menos civilizados vae-se despertando o desejo da applicação á archeologia, e ainda ha pouco foi creada em Tunis uma associação de letras, sciencias e artes, denominada *Instituto de Carthago*, cujo fim é propagar os descobrimentos

¹ As Cidades e Villas da Monarchia que teem Brazão d'Armas.
T. III, pag. 44 e 45.

archeologicos que quasi diariamente se fazem na Tunisia.¹

Por cá, entre nós, de ha tempos que se começou a desenvolver a dedicação a essa sciencia. Teem apparecido homens de merito como mostram por seus escriptos; mas uns aqui, outros além, sem centro nem cohesão, sem recursos pecuniarios nem o menor auxilio ou protecção.

Suas Magestades D. Fernando II, D. Pedro V e D. Luiz I visitaram por diversas vezes as ruinas de *Cetobriga*, mostraram sempre interesse pela sua exploração, e ainda ultimamente o Senhor D. Carlos I. Renasciam esperanças, mas estas bem depressa se desvaneciam.

A ultima Direcção nada fez nem podia fazer, porque o fim principal era a exploração no local das ruinas, que tinha terminado em 12 de abril de 1856, e a exigua quantia que restava em caixa, para pouco ou nada servia, e assim impossivel era continuar aquella exploração.

Mas a Sociedade não só se achava sem recursos para tentar qualquer excavação, como cada vez mais piorava a sua situação, porque até lhe faltavam os meios para custear a continuação dos seus *Annaes*, cuja publicação terminára com o n.º 3. A empresa, que se encarregára da impressão e publicação, nenhum interesse auferira, mas antes tivera prejuizo, á falta de leitores e procura. Depois, porém, e já muito tarde, começaram a ser muito procurados os *Annaes* e mui principalmente do estrangeiro; mas já poucos exemplares existiam, e esses mesmos não com os tres numeros completos, por isso que, pela falta de procura, havia diminuido o numero da impressão. Os que hoje por ventura apparecem aqui ou alli, quasi sempre se encontram troncados, e assim mesmo são raros.

N'este estado de desalento e precario se foi arastando a Sociedade nos ultimos e ruins dias da sua existencia, enquanto os annos se iam passando e o derradeiro vislumbre da esperança apagando.

Mas quando já estavamos em fins de 1867 e se via que a ultima Direcção eleita em 4 de outubro de 1857, no decorrer nada menos de dez annos, não só durante os dous annos da sua existencia igual, não tinha dado um unico passo com respeito á gerencia das cousas da Sociedade, nem depois, por estar convencida de que nada se poderia fazer, attenta a situação anomala em que a Sociedade se achava, sem recursos, sem fé, sem esperança e, por assim dizer, em debandada. E, em verdade, senão de direito, pelo menos de facto, a Sociedade tinha-se dissolvido, abandonando a empresa a que se propozera; mas deixando já após de si

um profundo e valioso rasto da sua passagem. E nem já a ultima Direcção podia tomar legalmente qualquer resolução, porque expirado havia muitos annos o praso da sua gerencia. Além do que acrescia ainda, que dos fundadores da Sociedade, o principal já se havia retirado para Lisboa, onde residia; mais tres tinham feito o mesmo, e um outro tencionava seguir o exemplo d'aquelles (como depois effectuou).

Se em Setubal pois, apenas ficaria residindo um unico dos fundadores, que tinham sido os primeiros directores e assistentes a todas as excavações e demais trabalhos, afóra mais um ou outro cavalheiro, era de suppor que, quando aquelle fundador quizesse continuar a prestar os seus serviços, talvez não encontrasse pessoal que bem o coadjuvasse, não por falta de illustração nem de competencia, mas porque não era raro mesmo a par de grandes talentos encontrar-se menos dedicação ao trabalho, quando não facil e gratuito.

Releva, porém, aqui addicionar um documento que nos parece mais patentear a decadencia e desamparo da Sociedade.

Em carta de 23 de outubro de 1856, dirigida pelo bibliothecario-mór, José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello Branco, ao vice-presidente da Sociedade Archeologica Lusitana José de Groot Pombo, dizia aquelle a este cavalheiro: que em cumprimento das ordens do Governo, e do que ambos haviam tratado, lhe pedia propuzesse á mesma Sociedade as seguintes indicações:

1.º — No caso de dissolução da Sociedade (o que Deus não permitisse) ella propuzesse ao Governo a entrega de todos os objectos archeologicos á Bibliotheca Nacional.

2.º — No caso contrario (que Deus quizesse que este não tivesse logar) as medalhas fossem recolhidas, em deposito, na mesma Bibliotheca, inventariando se primeiro, para n'ella serem classificadas, e se trocarem algumas com as do Estabelecimento, com pleno accordo da Sociedade; e que isso mesmo tivesse logar ácerca de outros objectos, de que a Sociedade não quizesse privar-se; doando todos os mais destruidos e em que, apesar d'isso, se pudessem fazer estudos.

E concluia o bibliothecario-mór da Bibliotheca Nacional de Lisboa, dizendo: que d'estas indicações e accordo tomado entre elle e o vice-presidente da Sociedade Archeologica, ia dar parte ao Ministro dos Negocios do Reino, por se achar assim cumprida a sua missão.

Já então, como se vê, a Sociedade se achava em decadencia, já então em fins de 1856 a desanimação era geral, porque nenhum raio de esperança se descortinava a bem do pensamento de ainda se proseguir nos trabalhos de exploração nas ruinas,

¹ Jornal Correio da Manhã, n.º 2:916, 1.º de março de 1894.

e já então alguém se lembrava não só da Bibliotheca de Lisboa receber em deposito todas as antigualhas encontradas nas excavações, mas que alli se trocassem umas por outras, e até de a mesma Bibliotheca se doarem as que estivessem mais destruidas, mas que podessem servir para estudos. Alguem inclinava-se á acceitação das propostas; a Direcção, porém, e a Sociedade não assentiram.¹

Doze annos depois tinham-se apagado todas as esperanças e era urgente tratar de pôr a salvo o que facilmente poderia ser destruido,

Estatutos da Sociedade, que lhe dava a suprema inspecção sobre os antigos monumentos e antigualhas, em cumprimento das terminantes disposições dos alvarás de 20 de agosto de 1721 e de 4 de fevereiro de 1802, houvesse de ordenar que todas essas antigualhas e demais objectos pertencentes á Sociedade Archeologica Lusitana, que se achavam nas mãos e guarda de alguns dos socios d'ella ou de quaesquer outras pessoas, recolhessem á Academia Real de Bellas Artes de Lisboa, e ahí ficassem em deposito e bem acondicionados, providendo-se assim á sua conservação e segurança.



Ruínas de Cetobriga (Troia, perto de Setúbal)

Foi n'esta situação de abatimento e abandono que os dous fundadores, Domingos Garcia Peres e João Carlos d'Almeida Carvalho, receiando que no total desmoronamento da Sociedade, ou por qualquer outra circumstancia, se extraviassem ou damnificassem as diversas antigualhas e outros objectos pertencentes á Sociedade, alguns dos quaes se achavam em seu poder, e a maior parte d'elles em poder de um outro fundador, e desejando afastar de si e de todos que haviam sido directores, toda e qualquer responsabilidade, requereram ao Governo que, em conformidade do disposto no artigo 3.º dos

A esse justo pedido, datado em Lisboa a 26 de dezembro de 1867, para que no meio de tantos destroços de antigos e venerandos monumentos, cabidos por terra, pela incuria de ignorancia e pelos golpes do camartello da selvageria, ao menos se salvassem aquellas preciosas reliquias da antiguidade, o Governo respondia pelo ministerio do reino (direcção geral de instrucção publica, 3.ª repartição) com a Portaria de 29 de janeiro de 1868, que «Sua Magestade El-Rei, a quem fôra presente o requerimento dos supplicantes fundadores da Sociedade Archeologica Lusitana, que pediam auctorisação para depositarem na Academia Real de Bellas Artes de Lisboa, varios objectos descobertos por aquella corporação nas excavações das ruínas

¹ Sessão de 21 de dezembro de 1856.

de Cetobriga, e que por falta de estabelecimento apropriado estavam dispersos pelas casas de alguns socios, em risco de se damnificarem e extraviarem; tendo em vista a informação do vice-inspector da referida Academia, que acompanhára o requerimento alludido, havia por bem auctorisar o mesmo vice-inspector a receber em deposito aquelles objectos, sem obrigação para a Academia de responder por alguns damnos ou extravios imprevistos.

Recebida a mencionada Portaria, assignada pelo ministro Conde d'Avila, o vice-inspector da Academia, Marquez de Sousa Holstein, em officio de 7 de fevereiro de 1868, que dirigia a João Carlos de Almeida Carvalho, com aquella sua cortezia fidalga repassada da mais estremada benevolencia, enviando-lhe copia da Portaria de 29 de janeiro ultimo, pela qual elle, vice-inspector, era auctorisado a receber em deposito na mesma Academia os objectos encontrados nas ruinas de Cetobriga e todos os mais pertencentes á Sociedade Archeologica, dizia que — havendo-se o referido Almeida Carvalho até então prestado com a melhor vontade a tratar d'aquelle negocio, rogava-lhe quizesse dar uma nova prova do seu zelo, encarregando-se de remover para Lisboa e entregar n'aquella Academia os sobreditos objectos.

Em officio de 24 do mesmo mez de fevereiro de 1868, Almeida Carvalho accusava a recepção do que lhe dirigira o vice-inspector da Academia Real de Bellas Artes, participando-lhe haver diligenciado quanto possivel cumprir a missão de que fôra encarregado. Que das antigualhas que se achavam em poder de alguns socios, as que tinha o socio Domingos Garcia Peres já este as entregara á Academia, e constavam da relação n.º 1, e aquellas que estavam em seu poder, tambem elle á Academia fizera entrega no dia 21 do referido mez e anno, e constavam da relação n.º 2, ambas acompanhando o mesmo officio.

Que da parte do socio Sebastião Maria Pedroso Gamitto encontrára duvidas em fazer entrega das antigualhas, que tinha em seu poder, e não obstante as razões que lhe expuzera, e as conveniencias que resultariam da entrega, elle persistira na recusa.

Que no entanto o socio João José Soares, secretario da ultima Direcção, lhe havia feito entrega dos livros e papeis pertencentes á Sociedade Archeologica, e elle os entregaria á Academia logo que alli entrassem todos os objectos que ainda faltava entregar.

Em outro officio, de 13 de julho de 1868, dirigido por Almeida Carvalho ao vice-inspector da Academia, participava-lhe que, com quanto no seu officio de 24 de fevereiro ultimo, lhe tivesse declarado que logo que o socio Pedroso Gamitto tivesse feito entrega das antigualhas que tinha em seu poder, e

que formavam a maior parte d'ellas em numero e valor, elle immediatamente entregaria á Academia os livros, documentos e mais papeis pertencentes á Sociedade, e dos quaes o secretario da ultima Direcção lhe tinha feito entrega; vendo, porém, que até então o referido Pedroso Gamitto continuava na mesma recusa¹, desejando elle afastar de si toda e qualquer responsabilidade, enviava a s. ex.^a, a fim de serem depositados na Academia Real de Bellas Artes os livros, documentos e diferentes papeis constantes da relação inclusa n.º 3, e a s. ex.^a rogava se dignasse mandar se lhe passasse documento em fôrma, que mostrasse ter elle feito entrega á mesma Academia de todos os objectos constantes das relações n.º 1, 2 e 3, que acompanhavam os seus officios.

O professor servindo de secretario da Academia Real de Bellas Artes de Lisboa, José da Costa Sequeira, encarregado pelo vice-inspector da mesma Academia, o Marquez de Sousa Holstein, em officio de 29 de julho de 1868, dirigido a Almeida Carvalho, accusava-lhe a recepção do seu officio de 13 d'este mesmo mez e anno, assim como da relação, que o acompanhava, dos livros, documentos e diferentes papeis, declarando-lhe que os mesmos objectos tinham sido devidamente acondicionados, archivados e guardados cautelosamente na secretaria d'aquella Academia.

E que finalmente satisfazendo á justa pretensão d'elle, Almeida Carvalho, mandava tambem o vice-inspector remetter lhe copias das relações n.º 1, 2 e 3 dos objectos até então recebidos, acompanhadas dos competentes recibos.

Seguem-se as relações.

N.º 1

Relação de varios objectos ou antigualhas, pertencentes á Sociedade Archeologica Lusitana, que o socio o sr. Domingos Garcia Peres tinha em seu poder e entregou á Academia das Bellas Artes de Lisboa.

Uma lampada sepulchral, de barro vermelho e fino, tendo o comprimento de 11 centímetros e 4 de largo.

Um cordão de filigrana de ouro com 28 centímetros de comprimento, tendo o cordão em cada ponta uma especie de cabaça, tambem de ouro, do comprimento de 2 centímetros, e em cada uma parece que está gravada a cabeça de um leão, achando-se presa á parte inferior de uma das cabaças uma pequena e estreita lamina de ouro, a modo de crescente de lua.

¹ Depois, por fallecimento de Pedroso Gamitto, seu filho fez entrega de todos os objectos que tinham estado em poder de seu pae, como adiante se verá pelo recibo que foi passado na mesma Academia das Bellas Artes.

Um anel de ouro com áro de meia cana, e chapa engastando uma pedra dura e verde, e n'esta, segundo parece, gravados instrumentos de sacrificio, tendo o anel de diametro 2 centímetros.

Outro anel de ouro, de meia cana delgada, e chapa do mesmo metal de fôrma quadrangular e aberta, formando um ramo de folhas, etc.

Um modelo fac-simile de gesso, com diversas figuras em relevo, pintado e dourado, imitando uma patera de prata, achada nas ruínas de Cetróbriga em 1814, tendo 12 centímetros de diametro e 8 de altura.

N.º 2

Relação de varios objectos ou antigualhas pertencentes á Sociedade Archeologica Lusitana, que estavam em poder do socio João Carlos de Almeida Carvalho, e que este entregou á Academia das Bellas Artes de Lisboa no dia 8 de fevereiro de 1868.

Uma lampada sepulchral, de barro vermelho, fino e lavrado na parte superior, tendo 11 centímetros de comprimento e 8 de largo.

Uma base de columna de marmore branco, com o diametro de 80 centímetros e 25 de espessura.

Um capitel de columna, de pedra tosca e cinzenta, em fôrma conica, mas quadrada na parte superior, onde tem 32 centímetros de cada lado, em largura.

Um capitel de marmore azulado, de ordem corinthia, tendo a frente superior quasi a fôrma quadrada, e de cada face uns 30 centímetros de largura.

Duas bases do mesmo marmore, e pertencentes uma á mesma columna a que pertencia o capitel corinthio, e a outra parece pertencer a columna igual, tendo cada uma das bases 30 centímetros de cada lado e na sua largura.

Um áro de pedra tosca, que servia de borda ou resalto em volta da base de um moinho de mão, tendo 80 centímetros de diametro e 20 de espessura.

Uma mó de pedra tosca que estava dentro do áro, tem 40 centímetros de diametro e 28 de espessura.

Duas mós de pedra tosca, de moinho de mão, e de fôrma circular, tendo uma d'ellas concava uma das faces, e a outra uma das faces convexa, assentando uma sobre a outra, e tendo uma um buraco redondo no meio, e ambas o diametro de 40 centímetros e 9 de espessura.

Um fragmento de columna de marmore branco com veios vermelhos, tendo 40 centímetros de comprimento e 22 de diametro.

Dous tijolos de barro vermelho, formando cada um a quarta parte de um circulo.

Oito tijolos do mesmo barro, semi-circulares, e formando dous o diametro de 23 centímetros.

Quatro telhões do mesmo barro, com o comprimento de 65 centímetros e 12 de largo.

Doze tijolos do mesmo barro, com 43 centímetros de comprimento e 30 de largo.

Doze ditos do mesmo barro, com 24 centímetros de comprimento, 8 a 9 de largo, e quasi outro tanto de espessura.

Um tijolo do mesmo barro, com 40 centímetros de comprimento e 12 de largo.

Uma amphora (partida) do mesmo barro, e de fôrma conica, tendo duas azas juntas ao estreito do bocal (uma de cada lado) e a altura da amphora é de uns 60 centímetros.

Seis fragmentos de taboas de marmore branco e azulado, e parece que fôra polido.

Dois fragmentos de cimalha de marmore branco.

Varios fragmentos de argamassa e reboco de parede, etc.

N.º 3

Relação dos livros, documentos, manuscriptos e impressos e diversos papeis pertencentes á Sociedade Archeologica Lusitana, e que em cumprimento da Portaria do Ministerio do Reino, em data de 29 de janeiro de 1868, foram depositados na Academia das Bellas Artes de Lisboa

Livro intitulado *Dos Amadores dos Monumentos Antigos*, in-fol. N'este livro está a assignatura de Sua Magestade El-Rei o Senhor Dom Fernando e a do Ex.^{mo} Sr. (1.º) Duque de Palmella, assim como os nomes de todos os socios. Está escripto até pagina 23 v.

Livro *Registo das Actas da Sociedade*, in-fol. Está escripto até pagina 22.

Livro *Copiador da Sociedade*, in-fol. Está escripto até pagina 140.

Livro *Caixa da Sociedade*, in-fol. Está escripto até pagina 14.

Livro *Registo dos Diarios*, in-fol. Está escripto até pagina 13.

Duzentos exemplares impressos de recibos para se encherem com os nomes e quantias dos socios contribuintes.

Duzentos e noventa exemplares de diplomas lithographados, para titulo dos socios.

Setenta exemplares de estampas lithographadas, de uma Taça, e pertencentes ao n.º 1.º dos *Annaes* da Sociedade.

Duzentos e dez exemplares de estampas lithographadas, de duas lampadas e um estylo, pertencentes ao n.º 2.º dos *Annaes* da Sociedade.

Sessenta exemplares de estampas abertas em madeira, de duas amphoras, um prato e um lacrima-

torio (de barro) pertencentes ao n.º 3.º dos *Annaes* da Sociedade.

Um exemplar impresso do 1.º Relatorio da Direcção da Sociedade, apresentado em assembléa geral de 24 de agosto de 1851.

Cento e trinta e cinco exemplares impressos do 2.º Relatorio da dita Direcção, apresentado em assembléa geral de 21 de dezembro de 1856.

Duzentos e quatro exemplares impressos do 1.º numero dos *Annaes* da Sociedade.

Trinta exemplares impressos do 3.º numero dos *Annaes* da Sociedade.

Cento e trinta e seis exemplares impressos do Alvará de 27 de março de 1850, e dos respectivos Estatutos da Sociedade, e de igual data, approvados pelo dito Alvará.

Traslado da escriptura, feita nas *Notas* do tabelião da cidade de Setubal, Agostinho Albino de Faria Picão, em 3 de novembro de 1849, na qual o proprietario do terreno da Troia concede licença, sob certas condições, para se poder fazer uma excavação no mesmo terreno.

O Alvará e Estatutos da Sociedade Archeologica de 27 de março de 1850, approvados estes pelo mesmo Alvará.

O segundo relatorio da Direcção da Sociedade, apresentado em assembléa geral de 21 de dezembro de 1850.

O officio do socio inspector, José Maria Pires, dando parte, em 28 de novembro de 1850, de ter morrido um boi durante o trabalho da excavação. A copia do Diario da semana do mesmo socio.

O officio do vice-presidente, Manuel da Gama Xaro, que, em 25 de outubro de 1850, se escusa do dito cargo.

Dezesete cartas de varias pessoas, em que umas declaram acceitar o cargo de socios, e outras se escusam.

Um officio da commissão das Casas d'Asylo da infancia desvalida de Lisboa, pedindo se lhe emprestem algumas antigualhas para serem collocadas na exposição que ía ter logar em Lisboa e em beneficio das mesmas casas d'Asylo.

O officio de 2 de outubro de 1851, do secretario particular de Sua Magestade El-Rei D. Fernando, accusando a recepção de um exemplar do Relatorio da Direcção, etc.

O officio, de 25 de outubro de 1850, do Ex.º Sr. (2.º) Duque de Palmella, presidente da Sociedade.

Dos dois Relatorios da Direcção da Sociedade Archeologica, Livro das Actas e Livro dos Diarios dos Socios Inspectores, consta quaes foram os objectos ou antigualhas encontradas nas excavações da Troia. O cordão de filigrana de ouro, e o anel do mesmo metal com chapa de pedra, foram comprados pela Direcção, porque não se encontraram

nas excavações feitas pela Sociedade, o que consta do Livro *Caixa* da Direcção; e do outro em poder do Thesoureiro Jorge Torlades O'Neill, representante da Casa commercial Torlades & C.º

O *fac-simile*, molde da Taça, já mencionado, foi offerecido pelo presidente da Sociedade o 1.º Duque de Palmella.

Todos os objectos e antigualhas da Sociedade Archeologica que ficam mencionados, eram os que os dous socios requerentes tinham em seu poder, e foram depositar na Academia Real de Bellas Artes.

A pedido, porém, dos depositantes, e para sua resalva, no fim das relações que deixamos exaradas, acha se o seguinte recibo authenticico:

«Receberam-se n'esta Academia Real de Bellas Artes de Lisboa os objectos constantes das Relações n.ºs 1, 2 e 3 acima transcriptas, e aqui ficam depositados e acondicionados sob a immediata Inspecção do Ex.º Marquez de Sousa Holstein. Secretaria da Academia, 29 de Julho de 1868. — José da Costa Sequeira, professor servindo de secretario.»

Além dos objectos e antigualhas que ficavam depositadas, e de que se passára o competente recibo, restava ainda o maior numero das antigualhas que se achavam em poder de Sebastião Maria Pedroso Gamitto, que, como dissemos, se recusára a fazer d'ellas entrega: tendo, porém, fallecido, seu filho, Epiphanyo Augusto Pedroso Gamitto, solicitou fazer entrega d'estas referidas antigualhas, e de feito as entregou na Academia Real de Bellas Artes de Lisboa, acompanhadas da seguinte

Relação das antigualhas descobertas pela Sociedade Archeologica Lusitana nas excavações das ruínas de Cetobriga, e que estando até hoje em meu poder, vou entregal-as na Academia das Bellas Artes de Lisboa, a fim de ficarem ali depositadas por ordem do Governo

Moedas romanas: — umas 1:892, de imperadores, uma de Roma galeada, todas de bronze; uma de prata e uma forrada d'este mesmo metal, tambem de imperadores; total, 1:895.

Objectos de barro:

Diversos fragmentos de vasos de barro saguntino vermelho e lustroso;

Um lacrimatorio esbranquiçado;

Quatro lampadas sepulchraes, duas outras fracturadas;

Um tijolo em meio circulo, um outro em esquadria;

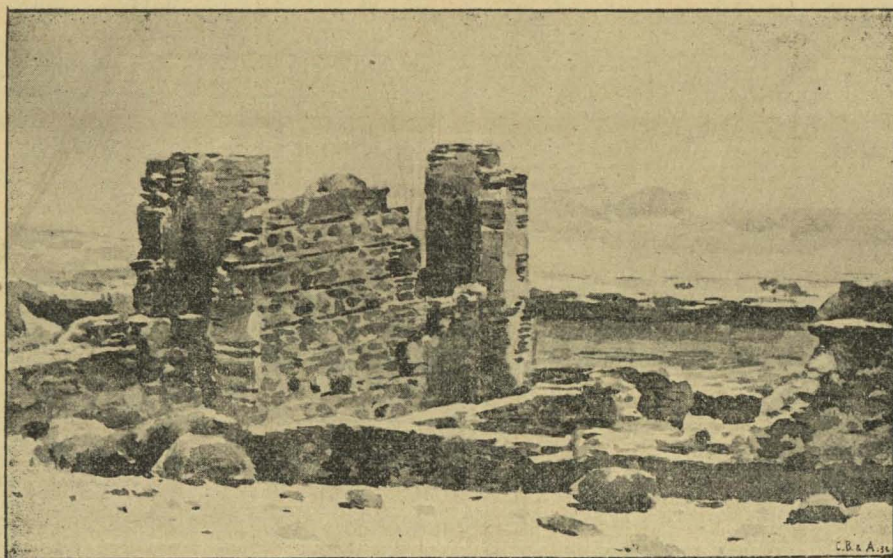
Oito vasos de diversas fórmãs;

Duas amphoras pomiformes fracturadas, tres ditas cylindricas tambem fracturadas;

Fragmentos de amphoras e de outros vasos;

Ditos de uma pátera lavrada, fracturada e galeada ;
 Duas telhas grandes.
 Ossos ;

O que ahi fica exposto, é extrahido de um documento authenticico, de que temos publica fórma, passado pelo escrivão e tabellião em Setubal, em 22 de novembro de 1882, Libanio Thomaz da Silva.



Ruínas de Cetobriga (Troia, perto de Setubal)

Fragmentos de ossos humanos.

Paus :

Fragmentos de paus de veado.

Objectos de cobre :

Um prego grande ;

Quatro agulhas de fazer rede ;

Uma outra agulha ;

Tres anzoes e um arco de caldeira.

Objectos de osso :

Um estylo ;

Duas agulhas ;

Cinco alfinetes e fragmentos dos mesmos.

Setubal, 19 de maio de 1882. — *Epiphanyo Augusto Pedroso Gamitto*.

Recebi do Ex.^{mo} Sr. Epiphanyo Augusto Pedroso Gamitto os objectos archeologicos mencionados n'esta relação, e entre as moedas romanas encontrei 1:892. Lisboa, 24 de maio de 1882. — O secretario, *Francisco Tiburcio Melicio*. Logar do sello branco com as armas reaes portuguezas, tendo em redor a legenda «Academia Real de Bellas Artes de Lisboa». (Escola de Bellas Artes de Lisboa, Liv. 1.^o, n.^o 29).

VIII

Todas essas reliquias da antiguidade que a Sociedade Archeologica desotterrou de uma mina inexaurivel de tantas preciosidades, não nos parece que possam ser olhadas com indifferença pelos homens illustrados, e que deveras se interessam pelas cousas e lustre da sua patria. Por essas simples relações, que ficam transcriptas, dos objectos archeologicos alli encontrados, ainda que sem a menor descripção, commentario ou notas, já bem se poderá suppor o quanto serão de apreciar ; mas o apreço subirá de ponto quando os homens competentes patentearém pelo seu estudo e criterio quanta será a sua valia para o progresso da historia, da sciencia e das artes. Já alguma cousa se tem dito e firmado, e muito de aproveitar ; mas esse mesmo pouco anda disperso, menos conhecido e geralmente esquecido.

A Sociedade Archeologica, porém, não descobriu e colheu sómente todas essas antigualhas, que se acham depositadas na Academia de Bellas Artes ; maiores foram as suas descobertas, como mos-

tram os muitos monumentos que lá ficaram fixos ao solo, uns que ainda a descoberto nos manifestam a solidez de sua fabrica e o magestoso da sua antiguidade, enquanto que muitos outros teem desaparecido cobertos com as areias movediças das dunas. Edifícios de diversas fórmās e fabricas, altas e espessas paredes, inclusivē as de templos e de thermas, tumulos e sepulturas de maiores ou menores dimensões, mosaicos e argamassas, estuques de diversas côres, e ainda outras obras d'arte, tudo por lá ficou á mercê do vandalismo, que o tem ido destruindo, salvando-se apenas aquillo que as proprias areias teem lido, por assim dizer, o cuidado de cobrir e occultar.

As excavações, porém, lançaram alguma luz sobre a historia d'essa cidade subterranea, porque da observação e do estudo d'aquelles que a ellas assistiram, ou que mais de espaço as examinaram, confrontando as noticias que até nós chegāram, com as cousas descobertas, logares e modos como foram encontradas, talvez que se possam formar conjecturas, senão seguras, um tanto approximadas do que foi essa cidade e dos successos que se deram durante o correr de seculos.

Mas para esses estudos de pesquisas que trabalhos se empregaram? Cortaram-se enormes dunas, excavaram-se immensas mēdas de areia, profundou-se o solo em muitos logares, e sempre n'um lidar continuo e sem tregoa.

Era em verdade, como dissemos, muito para ver como aquelles associados, offerecidos para dirigirem os trabalhos da exploração do terreno, desenvolviam a maior actividade, e quaes outros caçadores ligeiros, corriam a toda a parte, e por vezes quasi que afogados entre as dunas que desabavam; assim mesmo continuavam incansaveis, arrostando todos os incommodos, sem o menor interesse, mas antes satisfazendo á sua custa todas as despesas que alli faziam durante muitas semanas e revezando-se, para que nunca faltasse a fiscalisação.

E foi assim que todas as explorações se executaram, despendendo-se apenas pouco mais de um conto de réis! Não houve milagre, houve abnegação e dignidade, para honra do paiz e lustre da Sociedade Archeologica. De contrario, essa insignificante somma dispendida não chegaria talvez para o ordenado de um fiscal ou director mór, que por lá apparecesse uma ou outra vez, sobraçando volumosos relatorios recheiados de esperançosos palavrórios.

Ahi vae, pois, a conta da receita e despeza, ou resumo da escripturação do Livro-Caixa, que se acha na Casa Torlades & C.^a em Setubal, porque o Thesoureiro era o respeitavel negociante Jorge Torlades O'Neill. E tambem se acha a mesma conta no respectivo livro da Sociedade e com os mais

papeis do seu archivo, que existe na Academia Real das Bellas Artes de Lisboa.

Segundo o Relatorio da Direcção da Sociedade, datado de 15 de julho de 1851, vê-se que a receita proveniente dos subsidios ou joias entregues pelos socios era a seguinte :

D'El-Rei o Senhor D. Fernando . . . rs.	300\$000
Do Ex. ^{mo} Duque de Palmella	200\$000
De quatro socios a 9\$600 rs. cada um	38\$400
De um dito 8\$000 rs.	8\$000
De 124 ditos a 4\$800 rs. cada um.	595\$200
Somma	1:141\$600

A despeza já depois das primeiras e segundas excavações era de rs.	836\$245
Ficando de saldo em caixa	305\$355

Mostra-se pelo outro relatorio de 21 de dezembro de 1856 que anterior ás terceiras excavações a receita baixára a	290\$085
E tendo-se já effectuado estas excavações, a receita ficára reduzida a	60\$345
E ainda depois a	41\$765

VIII

A tudo isso que a Sociedade Archeologica descobriu, juntem-se todos aquelles monumentos e antigualhas, que, desde seculos, teem sido extrahidos da margem esquerda do Sado, e de muitos dos quaes nos deixaram algumas noticias diversos antiquarios, exploradores d'essas ruinas, e ainda outras pessoas que, ou por pesquisas ou por acaso, alli encontraram antigualhas. De muitas d'essas reliquias preciosas não faltaram entre nós museus valiosos, em quanto que outras em grande quantidade se espalharam por quasi todo o paiz, afóra as que sahiram para o estrangeiro, e algumas levadas por aquelles que cá vinham admirar as ruinas, estudal-as, e lamentar a nossa incuria e rudeza. E a tanto chegou o vandalismo, que, pelo menos, desde o começo do seculo xvi, a Ordem de Sant-Iago, antiga senhoria do terreno, impunha aos emphyteutas ficar fóra da sesmaria toda a pedra alli existente, para ser applicada á construcção de casas e moinhos, e ainda depois para obras ou reparos de marinhas ou salinas, não podendo nunca o emphyteuta tolher a qualquer pessoa o poder alli ir buscar a pedra que quizesse. D'alli, pois, d'essas minas teem sido tirados muitos milhares de barcadas de pedra, tijolos, telhas, quebrados e desfeitos; antigos monumentos, que poderiam estar hoje formando e ornando em Portugal um dos melhores museus.

E todo esse escandaloso vandalismo era praticado á vista das auctoridades, e com assentimento de governantes e governados! O que parece impos-

sivel é que ainda alli appareça uma pedra ! Tal era a grandeza da cidade.

Pois mesmo assim, além do que foi descoberto pela Sociedade Archeologica, ha a noticia auctorizada dos monumentos encontrados por meados do seculo xvi, ha as muitas e quasi successivas pesquizas feitas, e a larga enumeração das antigualhas descobertas desde os ultimos tempos do seculo xviii até 1850, accrescendo o que mais se tem ido descobrindo depois da suspensão dos trabalhos d'aquella Sociedade.

Ahi temos as descripções dos edificios mutilados, maiores ou menores, de diversas fórmãs : ahi vimos grossas e altas paredes, algumas faceadas de estuque de diversas côres, outras construidas de diferentes argamassas, como a *signina*, etc., de pedras e de tijolos, estes de diversas fórmãs, e muitos de grande espessura e tamanho ; uns de côr vermelha ou cinzenta, outros de côr mais ou menos negra ; uns quadrados, outros rectangulares, uns circulares bi-partidos, outros da mesma fórmã, mas quadri-partidos. Ahi estão as telhas e os telhões de barro vermelho, alvadio ou denegrido, uns concavos, outros horisontaes com rebordos por alguns dos lados, tumulos de cimento, de boa fabrica, e muitas sepulturas de alvenaria.

Ahi se descobriram os pavimentos dos edificios, onde se encontraram fragmentos de bellos mosaicos de pedra dura e de diferentes côres ; ahi estão os restos de optimas thermas, que foram ornadas de columnas de marmore, de mosaicos, e as suas paredes interiores faceadas de marmores de varias côres, assim como o edificio embelezado de outras obras d'arte.

As columnas, fustes, bases, capiteis, frisos, cornijas e cimalthas de diversos marmores e côres : assim como columnas de argamassa e tijolos dos respectivos diametros, bi-partidos ou quadri-partidos.

Ahi estão as descripções dos templos gentilicos desoterrados, com as imagens pagãs de marmore e de bronze ; as pâteras e taças, as passaras de vidro, e uma grande variedade de vasos proprios de solemnidades gentilicas, assim como instrumentos de sacrificios, e outros objectos ou fragmentos d'elles, uns de vidro ou de barro, outros de prata ou bronze.

Alli, n'aquelle solo, teem sido desoterrados cippos e outras lapidas, inscripções votivas, juridicas, publicas, historicas, honorarias e sepulchraes. Por ora, porém, nenhuma geographica, de que tenhamos noticia.

Ahi estão as lampadas de barro vermelho vivo ou esbranquiçado, as urnas sepulchraes de vidro e de barro, de varias fórmãs, umas contendo lacrimatorios de vidro e de barro, de diferentes feitios,

ossos queimados, e ainda alguns residuos de generos alimenticios.

Muitos teem sido os tumulos e sepulturas descobertas ;

Grande a quantidade de vasos de barro de diversas fórmãs, e entre elles amphoras ou vasos que geralmente assim se denominam por sua fórmã ;

Estylos, allinetes de uso commum, armações de veados, cabras e carneiros. Anzoes de cobre e agulhas de fazer redes ;

Muitos tanques de alvenaria, de fórmã geralmente quadrangular ou quadrada, e interiormente faceados de argamassa *signina* ;

Muitos poços de pequeno diametro, proximos á beira-mar, que nós ainda vimos, mas dos quaes nem um só resta para amostra ;

Grande quantidade de pregaria de bronze ou cobre ;

Milhares de moedas romanas da republica, do alto e baixo imperio : algumas de ouro e de prata, ou forradas d'este mesmo metal, e a grande maioria de bronze, alôra umas ou outras desconhecidas, e ás quaes se dão diversas denominações ;

E finalmente uma immensa quantidade de fragmentos de objectos de pedra, de barros diversos, etc., cobrem, digamol-o assim, a beira-mar de uma longa parte da margem esquerda do Sado.

Dir-se-ha que são as proprias ruinas que, resaltando quasi successivamente á superficie das areias, teem durante seculos proclamado : que n'aquelle solo da Troia existia uma grande mina de um precioso thesouro de monumentos historicos e venerandos da remota antiguidade. Mas a rudeza dos homens no correr de todo esse espaço de tempo, só lhes tem correspondido com o desdem de uns e com a destruição de outros. O que, porém, parece impossivel, é que ainda appareça alli alguma antigualha. Pois apparece ; hoje descobre-se um vaso, amanhã uma inscripção lapidar ; n'um dia acham-se algumas moedas, em outro encontram-se diferentes antigualhas, mais ou menos fracturadas, e sempre muitos fragmentos d'ellas.

Mas a mina ha de se exgotar á força do bater do camartello e do alvião, manejados nas mãos barbaras do mais estúpido e brutal vandalismo.

IX

Parece-nos, pois, ficar bem demonstrado e accentuado que os fundadores da Sociedade Archeologica não conceberam um pen-amento sem base e aventureiro, mas que sôra muito e pausadamente abraçado por elles, fundando-se no dizer de antigos escriptores, nas lições de outras auctoridades litterarias, e nas muitas e diversas noticias extrahidas de numerosos documentos que compulsaram.

Guiados ou animados por aquelles homens que

os haviam precedido, os fundadores da Sociedade não se apresentaram, por assim dizer, como filhos sem paes ou sem gomens, nem predecessores auctorizados, quando se abalançaram áquella empreza.

Assim esse ensaio ou reconhecimento no terreno das ruínas, não só logo obteve um resultado satisfactorio, mas foi muito além da expectativa de homens illustrados, excedendo as esperanças ainda dos mais entusiastas; e fazendo emmudecer os incredulos e calar a ignorancia.

O vó que a Sociedade tomára, dera logo a mais lisongeira e segura confiança de que mais alto se ergueria, para honra d'ella, maior esplendor de quem a protegeria, realce das artes e das sciencias, lustre da Nação, e quiçá mais um elemento de fazer desenvolver a riqueza e civilisação do paiz.

Mas um mau fado quiz que uma serie de successos funestos e imprevisos de repente a assaltassem e perseguissem, e assim aos dias felizes succederam os ruins e a Sociedade decahiu.

A sua Direcção, porém, não succumbiu; ainda luctou, envidando todos os esforços possiveis para evitar o desmoronamento, mas tudo foi baldado, porque com a infausta morte do 1.º Duque de Palmella, seu Presidente, que lhe dera alma e vida vigorosa, havia lançado, como dissemos, o desanimo na Sociedade.

D. Fernando II, o Rei-Artista e de saudosa memoria, que tanto a tinha auxiliado e enflorado de renome, enaltecendo-a de esplendor, acudiu de prompto ao desastre, e como Excelso Protector da Sociedade, e impulsãoado por aquelle proverbial amor ás artes e ás sciencias, que nunca faltou aos nossos Reis, por intermedio do seu secretario particular, procurou reanimar a Sociedade, offerecendo o seu auxilio e qualquer outra cooperação.

O coração da Sociedade ainda estava quente e fervoroso, mas o corpo, por diversas circumstancias e contrariedades, já se achava frio e regelado.

Em conclusão — os socios fundadores que requereram serem recolhidos na Academia Real das Bellas Artes de Lisboa e como em deposito ahí ficassem a bom recado e salvaguardados todos os monumentos, antigualhas descobertas pela Sociedade Archeologica, assim como livros, documentos e papeis ou quaesquer objectos pertencentes á mesma Sociedade procederam assim, para que com a entrega d'elles n'aquelle apropriado estabelecimento, as Direcções da Sociedade ficassem livres de toda e qualquer responsabilidade e todos os associados sem a menor quebra de seus direitos que lhes ficaram legalmente garantidos.

A quem nos arguir de termos vindo tarde, responderemos com o conhecido adagio portuguez

Quem vem, não tarda.

CASAS ANTIGAS

ALGUNS BENS MOBILIARIOS NÃO VINCULADOS DOS ALMADAS CARVALHAES

Os edificios, por mais mudos que pareçam, teem sempre uma palavra a dizer-nos, que interessa á historia ou ás artes.

O palacio e quinta da Mápartilha, em Azeitão, nada teem de notavel; no rustico, uns poucos de hectares de terra occupados por laranjaes, com ruas cobertas por arvores silvestres; no urbano, uma edificação rez do jardim e pateo de entrada, assente n'uma depressão do terreno, á beira de um caminho fundo, apertado, sombrio e humido. Lembra um objecto de merito muito contestavel, que quiz furtar-se ás vistas, lançando-o para um desvão

Pois tudo isto, que nada póde dizer de si, falla-nos de uns senhores opulentos e magnificos, de artistas e objectos de arte primorosos, o que muito importa á historia do paiz, pobre d'estas noticias.

O testamento de D. Maria Antonia de Almada, feito em Azeitão em 26 de maio de 1720 e o inventario, feito em Lisboa, na repartição do Bairro alto, por morte de Francisco de Almada, em 1730, fornecem-nos noticias interessantes do espolio de um fidalgo d'aquelles tempos — mobiliario, alfaias, tapeçarias, quadros e livros com os seus valores na epoca, procedencia de muitos objectos, auctores de algumas pinturas, fabricantes de algumas tapeçarias, e significam-nos que os Almadadas Carvalhaes foram uma familia distincta entre as do tempo pela representação, fausto e amor ás letras e ás artes.

Tem de observar se, que a casa estava na occasião decadente por administrações dirigidas com pouco tino, e que no inventario só se faz cargo dos objectos não vinculados; ainda assim é extenso o catalogo da sua galeria de pintura, precioso e subido o numero de tapeçarias.

Não vinham de desviadas eras os Almadadas Carvalhaes, nem se faziam proceder d'essas raças, que se emmaranham n'uma floresta genealogica, a não poder atinar-se com o tronco originario; eram uns personagens, cujos ascendentes subiram pelo proprio merito, occupando altos cargos da republica, que tiveram a aceitação dos principes e alcançaram consideraveis haveres.

Os senhores de Carvalhaes levam a sua origem apenas aos annos de D. Duarte, a um Gonçallo Borges com mulher desconhecida, ou cujo nome se cala para lhe encobrir a baixa procedencia. Os Almadadas, provedores da Casa da India, a quem vieram os morgados dos Carvalhaes, tambem se não mettem por esses tempos além, fazem-se proceder de um Fernam Rodrigues, o *Barbaças*, filho de

Ruy Fernandes, sujeito abastado, que viu os reinados de D. Affonso V, D. João II e de D. Manuel, e que casou com Catharina Carreira, filha de Bartholomeu Gomes de Almada, burguez abastado e *sujeito de grande talento e letras, que foram as maiores d'aquelle tempo*. O Barbaças apenas é dito *homem bem herdado de seus antepassados e de bom procedimento*; encontra-se em 1502 em viagem para a India por capitão da caravella *Santa Martha*.¹

Os Almadás Carvalhaes, além dos bens próprios, tinham bastantes da corôa e ordens e o officio de provedor da Casa da India, de pingues proventos e grande representação. Esta familia extinguiu-se ha poucos annos na sua casa de Azeitão, pela morte do ultimo conde de Carvalhaes e de seu filho D. José. Eram distinctos pelo seu character nobre, cortezania distincta, fina educação e sentimentos de caridade. Estavam ligados aos condes da Sortelha, Castello Melhor, S. Vicente, Obidos, Calheta, Oriola, Arcos, e para nada lhe faltar a enobrecel-os, até um dos mais altos espiritos do passado seculo, o celebre marquez de Pombal, teve por primeira mulher D. Thereza de Noronha, filha de D. Maria Antonia de Almada, avó do ultimo conde de Carvalhaes.

A cabeça do morgado e residencia mais continuada dos Almadás Carvalhaes foi no palacio do Outeiro da Boa Vista, em Lisboa, aonde está actualmente a C.^a Editora. Para jazida tinham a capella de Christo na igreja de Santa Catharina do Monte Sinay, cujo templo já não existe, achando-se no seu logar uma boa casa das senhoras Guerreiros Collares.

Darei uma ligeira noticia da vinda dos Almadás Carvalhaes para Azeitão.

Ruy Fernandes de Almada, provedor da Casa da India e presidente do senado de Lisboa, que fez abrir em 1663 a rua nova, que d'elle tomou o nome Almada, teve por filho herdeiro:

Christovam d'Almada, que foi provedor da Casa da India, commendador de S. Miguel de Rio de Moinhos, senhor das terras de Carvalhaes e das villas de Ilhavo, Verdemilho, Avellans, Ferreiros e dos seus padroados, todos de grandes rendimentos. Foi do conselho do rei, governador e capitão general de Mazagão, gentil-homem da camara do principe D. Pedro, veador das casas das rainhas Maria de Nemours e Maria de Neubourg, da infanta D. Izabel, do principe D. João e de seus irmãos.

«Foi, segundo D. Antonio Caetano de Sousa,

«muito cortezão e estimado na côrte, versado nas «ceremonias e etiquetas do paço, que ninguem entendeu no seu tempo melhor do que elle, de sorte «que era archivo vivo para as duvidas que occorriam; mui fino na amisade, animado de grande «coração, sem que se dominasse da ambição; em «extremo aceado sem nimiedade, de agradável conversação e em tudo generoso e magnifico, no que «imitou seu pae.»

Muitas das qualidades distinctas que Sousa faz notar em Ruy e Christovam de Almada, se encontravam no ultimo conde D. José, de quem parece que se faz o retrato; o filho tambem lhe não desmerecia.

D. João V estimava tanto Christovam de Almada que, na doença de que veio a fallecer este fidalgo, buscava ameudo informações do seu estado. Morreu em 1713, com 81 annos de idade.

Tinha casado com D. Luiza de Eça Corte Real, senhora do morgado dos Eças, de que era cabeça a quinta das Torrões, em Azeitão. Faziam estes conjuges demorada residencia no palacio, a cujo sitio Christovam era muito afeiçoado. D'esta dama teve 8 filhos, que todos morreram cedo e sem successão.

Enviuvando de D. Luiza, passou a segundas nupcias com D. Filippa de Mello, de quem teve seis filhos. De varias mulheres houve mais dez.

Dos filhos de D. Filippa succedeu-lhe na casa e morgados:

— D. Maria Antonia de Almada, que casou com D. Bernardo de Noronha, filho segundo dos condes dos Arcos. Afeiçoada a Azeitão, como seu pae, adquiria em 1696 a quinta da Má-partilha e outras propriedades, que mais tarde vinculou, annexando-as ao morgado dos Almadás da Boa-Vista.

A idade e estado valetudinario de Christovam de Almada nos ultimos tempos, a dilatada demanda sobre os morgados de Oliveira e Valle de Sobrados, o litigio sobre a successão á casa de Basto e perda d'estas questões, o animo generoso e magnifico, que D. Maria Antonia herdará de seu pae, a inexperiencia administrativa d'esta dama, lançaram a perturbação na vida economica da casa, tendo de vir esta familia viver para o seu palacete da Má-partilha.

De D. Maria Antonia e D. Bernardo nasceram:

— Christovam, que morreu creança.

— Francisco, que veio a succeder na casa.

— D. Magdalena Thereza de Bourbon, que casou com o porteiro-mór José de Sousa e Mello, senhor do morgado de Alcube e visinho, em Azeitão, da casa de sua sogra.

— D. Thereza Maria de Noronha, que casou com Antonio de Mendonça Furtado, e viuva d'este marido, passou a segundas nupcias com Sebastião

¹ No Livro de toda a fazenda, de Falcão, é chamado João Rodrigues Badarcos, e nas Lendas, de Gaspar Corrêa, João Rodrigues Badarcas, de certo por má leitura dos copistas. O que digo dos Almadás Carvalhaes é de um Nobiliario manuscrito da sua casa.

José de Carvalho e Mello, de quem foi a primeira mulher.

— D. Victoria Euphemia de Lencastre, que casou com José de Saldanha de Menezes e Sousa.

— D. Anna de Noronha, freira do convento de S. Alberto.

— D. Luiza de Bourbon.

— D. Izabel Margarida de Noronha.

— D. Antonia Thereza de Noronha.

— D. Maria Antonia de Lencastre, todas quatro freiras no mosteiro de Santa Clara de Lisboa.

D. Maria Antonia de Almada, conhecia o estado da sua casa, mas não podia resistir ao seu animo generoso e magnifico. Suas filhas Magdalena, Thereza e Victoria foram damas do paço, e ali as sustentou com *luzimento*, conforme a sua propria expressão. A primeira, por occasião do seu casamento, teve de dote 11:324\$730 rs., sendo 8:000\$000 de tença de dama do paço, rs. 800\$000 de joias dadas pela rainha D. Maria Anna e 2:524\$730 em dinheiro de sua mãe. A segunda teve de dote réis 11:350\$130, sendo rs. 8:000\$000 de tença de dama do paço, rs. 800\$000 de joias dadas pela rainha, rs. 800\$000 de uma herdade sua, e rs. 1:750\$190 em dinheiro de sua mãe. A ultima teve de dote rs. 10:550\$000, sendo rs. 8:000\$000 de tença de dama, rs. 800\$000 de joias da rainha e em dinheiro de sua mãe rs. 1:750\$000.

— D. Luiza de Bourbon, freira em Santa Clara, teve para enxoval, entrada, profissão, propinas, jantar e ceia rs. 4:090\$514, tudo pago por sua mãe.

— D. Isabel Margarida, freira do mesmo convento, teve para enxoval, gastos de entrada, profissão, propinas, jantar e ceia rs. 6:068\$440, que tambem sua mãe dispendeu.

— D. Antonia Thereza de Bourbon, freira do mesmo convento, teve para dote, enxoval, entrada, profissão, propinas, jantar e ceia rs. 936\$122, que sua mãe pagou.

— D. Maria Antonia de Lencastre, freira do mesmo convento, teve rs. 200\$000 para dote, pago por sua mãe, contribuindo seu irmão Francisco de Almada com mais rs. 200\$000 e os gastos de profissão, propinas, jantar e ceia.

Pelas quantias successivamente applicadas á profissão das filhas religiosas, se póde julgar do estado decadente da casa.

Para o casamento de seu filho Francisco em 1716, D. Maria Antonia tomou 12:000 cruzados por 15 annos, consignando ao pagamento dos juros réis 600\$000 do almoxarifado de Portalegre, e mais tomou á Misericordia de Lisboa rs. 2:979\$269, a cujos juros consignou um juro de rs. 300\$000, que tinha no almoxarifado de Extremoz.

Por sua morte, em 1720, ainda devia ao merca-

dor da capella, Manuel de Moura, o enxoval de sua filha D. Magdalena, tendo de consignar ao credor a tença dos portos seccois de Lisboa. A outro mercador, Antonio Gomes de Brito, para pagamento de fazendas consignou-lhe 400\$000 réis da mesma tença; a outro devia réis 600\$000. Devia ainda a uma Margarida Maciel réis 12\$200 do feitio de toucados para as filhas, no tempo de damas do paço. Devia ao alfayate, ao poleeiro, ás padeiras de Telleiras e de Azeitão, ao sangrador e ao medico de partido e a muitas mais pessoas, a algumas poucos mil réis.

Para alcançar das freiras bernardas de N. S.^a da Nazareth réis 150\$000 de emprestimo, tinha tido de entregar-lhe por penhor uma *armação de Arraz com a historia de Ulysses*, a D. João de la Concha deu de penhor a réis 600\$000 outra *armação de Arraz com a historia do gigante Golias*, ao pintor Francisco Xavier entregou como penhor de divida um *oratoriosinho de alambre* e um crucifixo.

Era tal o seu pouco tacto governativo, que, para penhor de réis 84\$590, que devia a um ourives, entregou-lhe uns diamantes, cujos numero ignorava.

Os bens livres de D. Maria Antonia foram avaliados em 31 contos, as dividas descriptas sommavam 16 contos, ficando um remanescente de 15 contos: a quinta da Má-partilha, avaliada em réis 4:800\$000, formava a terça que se incorporava no morgado do Outeiro da Boa-Vista, mas ainda assim o saldo apresentava-se tão contingente, que todos os herdeiros renunciaram a herança em beneficio do inventario, sendo a ultima desistencia de D. Thereza de Noronha, futura mulher de Sebastião José de Carvalho, que ainda em 5 de setembro de 1722 se achava em Azeitão, d'onde data o titulo de renuncia.

Do inventario de D. Maria Antonia de Almada poucos objectos apparecem a notar. Memoraram-se uns *paineis* avaliados em réis 1:920\$000 — umas figuras de jaspe e bronze, que ornavam o gradeamento do jardim do palacio da Boa-Vista, avaliadas em réis 174\$000 — *armação de Arraz*, avaliada pelo *tapeceiro* em réis 175\$750 — *seis tamboretes feitos no Norte* com capás de damasco, avaliados em réis 24\$000. — Como movel, descreve-se tambem a escrava Catharina de Almada, avaliada em réis 40\$000, e que D. Maria Antonia no testamento liberta.

No mesmo testamento, feito em Azeitão a 26 de maio de 1720, D. Maria Antonia declara ter dado a seu filho, por occasião do seu casamento — «Um cleito com paramento de damasco carmezim com franja de ouro, uma colcha do Malabar com matizes de ouro, ¹ outra com matiz branco e franjas

¹ Em Bengalla se fazem cousas de agulha mui maravilhosas, diz Gaspar Corrêa. O rei de Melinde enviou por Vasco da Gama á rainha de Portugal «um sobucéo de cama lavrado branco, a mais subtil cousa feita de agulha, que nunca outro tal fora visto.» Lendas da India, T. I, 287.

«de ouro, um cobertor de setim bordado de matizes, tudo da India, toda a mais roupa pertencente á cama e mais um leito de ébano com duas armações, uma de ló branco e ouro e outra de pano encarnado.»

Uma das testemunhas do testamento foi o medico de Azeitão, dr. José de Mattos Rocha, poeta e latinista abalisado, auctor da *Descriptio poetica villae Calarizianae*.

D. Maria Antonia de Almada, que testou já de cama, não mais se ergueu, fallecendo a 29 de junho de 1720 e foi sepultada em S. Simão de Azeitão.

Succedeu-lhe seu filho e herdeiro, Francisco de Almada e Noronha, casado com D. Guiomar de Vasconcellos, filha dos condes da Calheta. Ainda que exercendo por si o officio de provedor da Casa da India, na posse de todas as rendas dos morgãos de sua casa e dos bens da corôa e ordens, não administrou melhor do que sua mãe e mais aggravou a sua situação economica.

Francisco de Almada falleceu a 7 de maio de 1730, no seu palacio da Boa-Vista, quando seu primogenito e herdeiro, Bernardo de Almada, apenas contava 13 annos de idade.

Para pagamento das dividas, que ascendiam a 40 contos e satisfação do dote da viuva, que montava a vinte contos, foram postos em praça todos os bens não vinculados e mobiliario, cuja almoeda teve logar no palacio da Boa-Vista, d'onde D. Guiomar tinha saído para casa de seus paes, na calçada da Gloria.

Além das quantias tomadas a juro, encontram-se dividas ao pedreiro, ao canteiro, ao sapateiro, ao algibebe, ao bordador, ao esteireiro, ao confeiteiro, ao gallinheiro, ao marceneiro, ao correeiro, a um mercador da rua Nova e a outro de panos de linho, á mulher que vende fitas, ás padeiras, ao ladrilhador, ao pintor José Teixeira réis 25\$800, ao pintor Domingos Nunes réis 12\$800 e ao pintor Francisco de Barros réis 50\$620.

Como curiosidade darei noticia das despesas de medicos e funeral de Francisco de Almada.

Aos medicos dr. Manuel Duarte Teixeira, rs.	38\$100
Dr. Vincente Soyçi (?)	9\$600
» Francisco de Sequeira Machado...	14\$100
» Francisco da Fonseca Henriques...	28\$800
» Isaac Elioti	96\$000
» Simão de Freitas Prado	38\$400
» Francisco Xavier Leitão	6\$400
Felix Pereira, cirurgião	12\$000
Signaes na Sé oriental	12\$000
» Sé patriarchal	14\$400
» em Santos	2\$080
Funeral	485\$560
Luto para a familia	372\$837

Darei agora conta de alguns objectos vendidos, que me parecerem mais notaveis e seus preços, para poder julgar-se do merecimento d'elles, ou seu valor na epoca.

- Espriguceiro de velludo lavrado, réis 50\$400.
- Leito de pau amarello com paramento de damasco de Italia e sua taboa entalhada, réis 31\$100.
- 12 cadeiras com capas de brocado, réis 70\$000.
- Espriguceiro de Moscovia, réis 6\$400.
- Leito com armação de damasco, que servia de cama de estado, réis 152\$500.
- 16 cadeiras de velludo carmezim, réis 99\$000.
- Cadeira, a que chamam poltrona, réis 43\$200.
- 8 portas de cortinas de damasco carmezim com sanefas de velludo, réis 153\$000.
- 10 portas de cortinas carmezins, com sanefas debrocado, réis 219\$200.
- Dois espelhos, réis 172\$800.
- 16 cadeiras de damasco amarello com franja de retroz de campainhas, réis 70\$400.
- Colcha de brocado com seu lençol de renda, réis 151\$000.
- 4 bengallas da India com castões de ouro, réis 48\$000.
- Sella rica, réis 62\$000.
- Pelle de urso, réis 9\$200.
- 2 contadores com remates dourados de tartaruga, 48\$000.
- Cadêa de ouro com unha da *gram-besta*, outra com *veronica* e um annel com *agnus Dei*,¹ réis 14\$260.
- Amuleto da India, réis 6\$400.

A relação é longa, por isso passarei a mencionar algumas peças de mobiliario e outros objectos entregues á viuva para pagamento do seu dote e arras, e seus valores.

- 2 arcas de charão da India de mais de 6 palmos, réis 32\$000.
- Arca de perfume de páu brazil com tres gavetas, réis 8\$000.
- 12 tamboretos do Norte de pau nogueira, réis 28\$800.
- Pedra de estancar sangue com seu caixilho de prata, do tamanho de um dedo, réis 1\$200.
- Caixa pequena lacreada e ovada, e dentro d'ella duas pedras cordenis, que se diz serem da receita de Gaspar Antonio, réis 4\$800.
- Bofete de pedra com embutidos de pedras de

¹ Por aqui se pôde vér como em gente, que de certo era illustrada, a superstição fazia envolver os embustes de variadas especies.

varias côres, com os pés de páu-santo torneados, réis 8\$000.

— 8 cadeiras do Norte, acharoadas de encarnado e ouro, com assentos de espaldar de brocatel a (cada uma) réis 3\$200.

— 9 portas de cortinas de damasco amarello da India com cinco covados de queda, réis 81\$000.

— Alcatifa da India com chão de ouro do meio e as *cobates* (?) com prata com mais de tres varas e seus cadilhos de seda torcida, réis 40\$000.

— Colcha da India sobre pano branco, forrada de *bruquenguo* (?) com sua franja de retroz da mesma côr, marca grande, avaliada em réis 60\$000.

— *Godrim* de duas sedas carmezim, usado, réis 1\$500.

A relação continúa largamente ainda com cousas de pouco interesse.

Sob a designação de «roupa do dote» encontram-se varios objectos tambem com os seus valores, dos quaes apenas mencionarei os que por qualquer fôrma me pareçam interessar :

— Toalha de toucador de Cambray, lavrada com renda de Flandres de dous palmos de altura, réis 50\$000.

— Oito pares de punhos de renda de Flandres, réis 10\$000.

— Avental de Cambray lavrado com sua renda, réis 2\$500.

— Duas anágoas de Hollanda com sua franja, réis 4\$000.

— Guarda-pé de *galace branco* com seus galões de ouro, um largo, outro estreito, réis 28\$000.

— Umas roupas á franceza de primavera de França, azul com ramos brancos e umas roupinhas da mesma seda, réis 40\$000.

Sob o titulo «vestidos» apresentam-se muitos já vendidos em almoeda — assim :

— Vestido de velludo côr de café, de vestia, casaca e calção feito todo de prata com sua dragona, réis 192\$000.

— Vestido de *droguete* de ouro, casaca e calção e vestia e canhões de casaca de *tiço* de ouro e prata e a vestia com sua franja de canotilho de prata e a casaca forrada de setim encarnado com meias de setim carmezim bordadas de ouro, réis 150\$000.

— Vestido de *droguete*, casaca e calção com vestia e canhões de *tiço* de prata, a vestia com franja de canotilho, réis 150\$000.

— Vestido de *camellão* de seda bordado de prata, forrado de setim amarello, com sua vestia de *tiço*, bordada de prata com suas meias irmãs, réis 96\$000.

— Vestido de pano fino escuro bordado todo de passamane de prata, com vestia do mesmo setim bordada de galão de prata, réis 80\$000.

— Vestido de estofa de seda, forrado de nobreza branca com bordadura de prata e casas e vestia de *primavera* de prata branca, réis 25\$000.

— Vestido de estofa de prata com abotoadura de prata com vestia de *galace* côr de rosa, com sua franja de prata, réis 30\$000.

— Vestido de *camellão* encarnado, guarnecido de galão de prata, calções irmãos com uma vestia de *tella* tambem guarnecida com galão de prata, réis 12\$000.

— Vestido de *riço* encarnado, réis 12\$000.

— Vestido de *limiste*, casaca e calção de velludo com vestia de *gorgorão*, réis 8\$000.

— Duas vestias de pano da India, uma bordada de matizes de côres e outra de branco, réis 4\$000.

— Tres pares de meias de seda de varias côres, bordadas de prata, réis 9\$000.

— Duas plumas brancas, uma azul e uma amarella, réis 4\$800.

— Duas *almofregas*¹ de lona com suas correias, réis 1\$200.

— Lamina do descimento da cruz com a imagem de marfim de relevado e as mais imagens do mesmo e as molduras de ebano, réis 9\$600.

— Uma bandejinha muito pequena, obra de Macau, que tem no fundo o Baptista esmaltado e um copo ovado do mesmo esmaltado de branco, com Neptuno no fundo, réis 4\$800.

— 5 candelieiros pequenos de *freira*, de tres lumes, réis 4\$000.

— Talha da India, que leva 20 almudes, réis 20\$000.

Passando á descripção e valores das propriedades urbanas livres, começa-se mencionando umas estatuas e figuras, que se achavam no palacio da Boa-Vista, e que mais tarde se reconheceu serem do vinculo, conforme uma nota marginal. Assim :

— Vinte e quatro figuras de pedra de jaspe, quatro d'ellas quebradas, feitas em Italia, avaliadas em réis 120\$000.

— Tres meios corpos de chumbo com cabeças de bronze, réis 18\$000.

— Oito estatuas de corpos inteiros de chumbo, sobre pilares de pedra, com algum defeito, réis 90\$000.

— Tres figuras, duas d'ellas abraçadas e outra,

¹ Almofoixe ou almafuxe era uma especie de grande mala para guarda da cama em viagens. *Almofoixe* será mais uma variante ou corrupção do vocabulo, se não erro do copista, que repetidas vezes escreve as palavras que desconhece a modo de ser difficil e até impossivel interpretar-o.

tambem pegada, com o titulo de Cupido, todas feitas de chumbo, réis 48\$000.

D'entre as joias entregues a D. Guiomar, viuva de Francisco de Almada, para pagamento do seu dote e árras, especialisam-se as que se seguem :

— Cruz com seu botão e *sete diamantes rosas* transparentes, com seus cristaes pelas costas e pela frente circulo de esmalte preto, pesa 4 oitavas e meia e 9 grãos de prata, avaliada pelo contraste em réis 128\$000.

— Anel de ouro com um diamante brilhante de fôrma quadrado e com *boa prata Briosó e com algum ar de cor, mostra ser de peso de seis quintaes com pouca differença*¹ pesa tudo uma oitava e vinte e um grãos, avaliado em réis 960\$000.

— Par de arrecadas de cadeados, de duas peças cada uma, e tres pingentes de ouro, pelas costas esmaltados de azul, e tem pela frente 40 *diamantes rosas*, dous d'elles maiores em prata, e oito *esmeraldas* em ouro, tudo pesa 5 oitavas e meia e 15 grãos, réis 38\$000.

— Brinco do pescoço, que se compõe de 12 peças douradas pelas costas e tem tudo 34 *diamantes rosas*, 5 d'elles maiores e 8 *esmeraldas* em ouro e uma d'ellas maior, tudo pesa de prata 3 oitavas e 30 grãos, avaliado pelo contraste da sorte em que está em réis 22\$000.

— Mariposa de toucar, tem seu *tremulo* e pé de ferro, tem 42 *diamantes rosas* em prata e 6 *esmeraldas* em ouro, réis 14\$000.

— Pedra, que mostra ser de *cobra de Bombaço*, com sua caixa redonda de filigrana de prata, réis 1\$200.

— Caixa de tabaco, lisa quadrada em pé longo e com cobertura gonçada, réis 44\$000.

— Fio de 50 *perolas*, alvas, finas e bem feitas, réis 50\$000.

— Duas bacias de barba e um pichel de prata, réis 111\$910.

— Bandeja de *boleados* lisa, pesa de prata 4 marcos, 6 onças e 6 oitavas e meia, que a razão de 5\$600 réis o marco, importa em réis 27\$170.

— Facas com os cabos de prata de feitio de *bocados*.

— *Talher de cangalhas* com sua asa e com duas peças redondas com suas tapadouras tresfiguradas e com seu saleiro com sua tapadoura, pesa de prata 4 marcos, 7 onças e 1 oitava, réis 27\$390.

— Bastão de cana de Bengalla com seu castão de ouro lavrado, e na parte superior tem duas fi-

guras de *arithmeticos* e seus olhos do mesmo, pesa 46 oitavas avaliada em réis 9\$690.

— *Firma* de Santa Thereza de Jesus com seu vidro por fóra, cercado de filigrana de ouro, réis 4\$800.

— Bule liso com sua tapadoura, remate, asa, trempe e candeeiro, tudo de prata, réis 20\$000.

— 6 rubis, 6 aljofares, 4 saphiras, réis 360.

Se seguisse a relação iria longe, mas limitei-me ao que me pareceu digno de notar-se por qualquer circumstancia, parecendo-me ao mesmo tempo que os valores eram dados a modo de favorecer a viuva a quem foram distribuidos para satisfação do seu dote e árras.

Para uso do menor Bernardo de Almada, successor dos morgados de seu pae e provedoria da casa da India, foram destinados alguns objectos não vinculados, d'entre os quaes, farei menção das caruagens :

— Sege de tres vidros, forrada de *duqueza encarnada*, com seus passamanes côr de ouro, com arreios de sege, boleia, cilhões e cella, réis 97\$600.

— Caleça forrada de velludo azul com suas franjas de ouro e passamanes e suas cercaduras bordadas á roda do tejadilho e sua capa de cabeções de velludo com franjas de ouro e passamanes, com suas guarnições e boccados para ás cabeçadas e sella para o sota, réis 650\$000.

— Liteira de tres vidros, forrada de velludo carmezim, com passamanes de ouro, quatro cortinas de damasco carmezim, arreios, cilhões e capas de sacca, réis 60\$000.

— Liteira de encerado, de tres vidros, de *moscovia*, com arreios e cilhões em bastante uso, réis 18\$000.

Dos cavallos fez D. Guiomar presente de um ao *serenissimo principe nosso senhor*, e que fóra avaliado em réis 80\$000.

Em Azeitão tinham cavallos de maior preço.

D. Maria Antonia de Almada tinha estabelecido residencia na sua casa de Azeitão; sua filha D. Thereza ainda aqui se achava em fins de 1722, por morte de Francisco de Almada nada faltava á casa para poder ser habitada pelos senhores, houve por tanto de inventariar-se o que havia de bens livres, mobiliario ou de raiz. Talvez propositadamente para ficarem ao novo senhor, deram a todos os moveis baixissimo valor e muitos até ficaram por avaliar, e entre outros objectos foi — uma armadura completa — armas brancas, peito, espaldar e morrião. — Dous bufetes marchetados de marfim, eguaes, de

¹ Sublinhei quanto achei de incorrecto na descripção d'esta peça. Na minha leitura não ha erro, porque a escripta n'esta parte é clara e bem legivel.

duas gavetas, foram avaliados em réis 19\$200. Conservaram-se na casa até ha poucos annos. São magníficos e melhor se lhes chamaria «mesas»; pertencem actualmente ao dr. Manuel Bento de Sousa, a quem foram offerecidos e que os estima como merecem.

Avultavam no mobiliario de Azeitão objectos de procedencia flamenga — mencionarei de passagem alguns:

- Mesa grande de bordo flamenga, réis 6\$000.
- 14 cadeirinhas de palha, flamengas, réis 3\$000.
- 14 cadeiras de palha, flamengas, réis 3\$300.
- 8 pratos grandes de estanho, flamengos, além de muitos outros menores — 2 *tremes* de estanho de mesa *amartelladas*, flamengas, e 15 outras pequenas, cujo uso desconheço.

Nunca primámos como artistas industriaes. Nas primeiras armadas que mandámos á India, levavam-se como moeda ou para presentes, muitos objectos de Flandres, taes como *panos de Flandres de figuras*, toalhas, espelhos, bacias de latão, frascos de verga, que pela capacidade julgo serem os que agora chamamos *garrações empalhados*.

Mencionam-se mais e tudo em bom uso:

- 6 cadeiras de *moscovie* encarnada, réis 4\$800.
- 6 bofetes de *couro de moscovie* eguaes, réis 6\$000.
- Espreguiceiro de *moscovie*, réis 1\$200.
- 4 picheis da India, réis 960.
- Talha pequena da India, azul e branca, réis 400.
- 2 hastes de lanças da India, de 16 palmos, réis 9\$600.
- *Paquebote* (genero de carruagem de 4 rodas) vendido por réis 200\$000. — Os cavallos tambem foram vendidos, dos quaes um por réis 106\$800.

Os livros arrolados existentes em Lisboa, não avultam pelo numero e menos pela qualidade, podendo apenas notar-se de melhor a *Monarchia lusitana*, a *Europa* e a *Asia portugueza*, o *Portugal restaurado*, uns *Sermões de Vieira*, abundando livros mysticos. Havia uma *Chronica de D. Diniz*, manuscripta em pergaminho. Umas *Horas*, talvez *illuminadas*, e que seriam boas por haverem sido dadas em caução de réis 24\$000. O primeiro livro inventariado é avaliado em réis 4\$800, cujo preço o pôde apresentar como de valor, o titulo não pôde lêr-se, parecendo ser o *Atlas luminado* de Abraão... muito velho e de marca grande.

Os Almadas tinham na sua galeria de pintura famosos quadros, entre os quaes um *descimento da Cruz*, de Alberto Durer, conservado na casa até ha poucos annos, e que foi vendido para Inglaterra por grossa quantia; além d'este tinham muitos de menos merecimento; na galeria da Academia de Bellas Artes de Lisboa existe um tambem adquirido ha poucos annos. Os melhores quadros estavam vinculados.

Como não tenho outra maneira de fazer valer o merecimento dos quadros inventariados, tomal-os-hei pela avaliação ou por algum auctor mais conhecido, e seguirei a dicção do inventariante:

- 2 paineis grandes de caça, de *Xavier*, n'um dos quaes ha uma Diana, e o outro tem instrumentos e animaes, a 12 moedas cada um, réis 115\$200.
- 12 paizes, de *Jacques Bars*, a réis 8\$000 cada um.
- Quadro grande de *Diana e Calysto*, copia de *Cornelio Schud*, réis 15\$000.
- Batalha de *Molinaro*, réis 6\$400.
- Quadro bastante grande, representando *Andromada*, réis 100\$000.
- 2 fabulas, um *Hercules*, outro um... que pesa dinheiro, feitas por *Molla*, réis 96\$000.
- Lamina que representa um *corpo*, de *David Teniers*, réis 200\$000.
- Lamina de *David Teniers*, com uma dança, réis 200\$000.
- 2 laminas do mesmo, uma representa o *sítio de uma praça*, outra um *corpo de guarda*, réis 96\$000.
- *Adoração dos reis* com suas portas (tryptico?)... avaliado, como da certidão consta, em 300\$000 réis.

— Apparecem alguns quadros do *estyllo gothico*, outros de *maneira flamenga*.

— De *Diogo Pereira* mencionam-se 11 quadros, dois sem designação, avaliados em réis 8\$000; dois menores, avaliados um em réis 6\$000, outro em réis 3\$000; mais 3 avaliados em réis 3\$000 cada um; ainda mais dois, um apresenta *N. S. que lança fóra os mercadores do templo*; outro o *castello de Emaús*, ambos avaliados em réis 4\$800; mais 2 representando, um *Loth*, outro com figuras de animaes, ambos com o valor de réis 2\$400.

A relação é longa, por isso não a seguirei.

A parte mais importante e curiosa do inventario de Francisco de Almada é a que trata das *tapeçarias e alcatifas*. Collecção tão valiosa desapareceu completamente no espaço de um seculo, pois quando por 1833 os Almadas Carvalhaes vieram para Azeitão, nem uma peça rica de tapeçaria trouxeram.

O inventario não só dá conta do que os *Razes*

representavam, mas dá-nos o valor d'elles na epoca por medida quadrada, a que chama de *armar*, formada pela *roda* e pela *queda*, isto é, largura e altura; o covado quadrado chama-se *arma*.

— Armação de pannos de *Raz*, antiga, de padrão grande, de sete pannos irmãos da *historia de Jacob*, está muito damnificada, tem de *queda* cinco covados e de *roda* quarenta e dois covados e uma terça, que faz de *armar* 211 e meio, que se avaliou cada uma, no estado em que está, a 900 réis, que importa tudo em réis 190\$350.

— Armação moderna de *Raz fino*, de 6 pannos irmãos da *historia de Ulysses*, tem padrão, e pelas cercaduras das cabeceiras tem arcos de flores, e nas cercaduras de baixo umas *Nymphas mettidas na agua*. Tem sua damnificação de costuras e alguns buracos de traça, um d'elles tem um buraco podre no pescoço de uma figura. Teem de *queda* 5 covados e de *roda* 30 e meio covados, que fazem de *armar* 152 e meio. Avaliada cada uma a 1\$900 réis, que importa toda em réis 289\$750.

— Armação de *Raz fino* antiga, de bom padrão, de seis pannos irmãos, e estes muito damnificados por terem alguns buracos de ratos e costuras descozidas. Tem de *queda* cinco covados e de *roda* 36, que fazem de *armar* 185, avaliada cada *arma*, no estado em que está, a 1\$200 réis, importam em réis 223\$000.

— Armação de pannos de *Raz finos*, antigos, de jardins e bosques e muito viscosos, tem algumas damnificações e alguns buraquinhos de *rór* (em redor?) Tem de *queda* 4 covados e de *roda* 32, que fazem de *armar* 128, avaliada cada uma, no estado em que está, a 1\$600 réis, importa a dinheiro réis 204\$800.

— Armação de pannos de *Raz* antiga, de padrão, de 7 pannos irmãos da *historia de Girião*, e está damnificada nos pretos e tem alguns buracos de *rór* com remendos, e tem os ditos sete pannos tajas redondas nos quatro cantos: cinco d'elles tem de *queda* quatro covados e meio e dois são de quatro covados de *queda*. Teem de *roda* todos 32 covados, que fazem de *armar* 141, avaliada cada *arma*, no estado em que está, a 1\$400 réis, faz tudo réis 197\$400.

— *Panno de Raz* antigo, de *montarias*, está damnificado e tem um buraco grande podre no meio e tem de *queda* 4 covados e sexma e de *roda* 5 covados e uma sexma, avaliado em réis 3\$600.

— Tres pannos de *Raz* velhos desirmanados, e um d'elles não tem cercadura por uma ilharga, que foi cortada, e todos tres teem bastantes buracos de roçarem e outros de podres; teem de *queda* 4 covados e terça, avaliado tudo em réis 2\$700.

— Sobre-porta de *Raz fino de figuras*, tem um

buraco de ratos na cercadura da cabeceira e está damnificado em redor pelos pregos; tem de *queda* tres covados e de *roda* dois covados e meio, é forrado de . . . azul, avaliado, no estado em que se acha, em réis 1\$800.

— *Panno de Raz grosso* moderno, de padrão e este muito defumado e abatido de côres, tem de *queda* 4 covados e de *roda* 6 covados, avaliado em réis 6\$000.

— *Entre-janella de Raz grosso* moderno, de *paizes*, tem algumas costuras descozidas; tem de *queda* 4 covados e meio e de *roda* 2 covados, avaliado em réis 2\$000.

— Tres *sobre-portas* compridas de *Raz de raxa rapado*, antigas e muito damnificadas de buracos e costuras, duas feitas de panno cortado, e estas duas teem de *queda* 3 covados e meio, teem de *roda* todas tres 24 covados e meio, avaliadas, no estado em que se acham, em 7\$200.

— Quatro *sobre-portas de Raz fino de figuras*, com suas cercaduras á roda, todas 4 irmãs, e estão damnificadas nos perfis pretos e as ourellas maltratadas; teem de *queda* 2 covados e meio, avaliadas conforme a certidão em réis 24\$000.

— Quatro *sanefas de Raz fino* com *figurinhas pequenas* e guarnecidas de velludo verde e franja de retroz verde, todas forradas e duas d'ellas teem uns buracos de ratos, e teem de *queda* e meio (sic) e de *roda* todas quatro 23 covados menos uma sexma, avaliadas, no estado em que se acham, em réis 15\$000.

— Duas *sanefas de Raz fino* antigas, irmãs, avaliadas em réis 1\$500.

— Treze *sobre-portas de Raz fino de figuras*, que serviram de almofadas, avaliadas em réis 4\$000.

— *Sobre-porta de Raz de raxa rapada*, feita de tres folhas de almofadas, pegadas umas nas outras, de *figuras*, e maltratadas dos perfis pretos e costuras; tem de *queda* covado e meio e de *roda* 4 covados, avaliada em réis 3\$000.

No inventario encontram-se mencionadas mais duas armações de *Raz*, uma com a *historia do gigante Golias*, empenhada a D. João Antonio de la Concha em réis 600\$000; outra, sem mais designação, avaliada pelo *tapiceiro* em réis 175\$750.

— A armação com a *historia de Jacob*, atraz descripta, esteve empenhada ás freiras da Nazareth por 150\$000 réis de emprestimo.

Na descripção das dividas do casal encontram-se algumas com penhoras, e entre ellas:

— A Gabriel Valdez, réis 144\$000, a que tem de penhor uma armação de pannos de *Raz*.

— A Thomaz Corrêa, divida de 260\$000 réis, com o penhor de duas armações de pannos de *Raz*.

Alcatifas e tapetes :

— *Alcatifa da India de diu* moderna, com pouco uso, avaliada em réis 400\$000.

— Duas *alcatifas da India de diu* modernas, com pouco uso, de bom padrão, avaliadas em réis 900\$000.

— Duas *alcatifas irmãs da India, firmas de dias* (?) modernas, bem matizadas de flores, com cercaduras verdes de rosas e . . . , e tem cadilhos de seda já desbaratados . . . avaliadas em réis 60\$000.

— *Alcatifa da India de diu*, avaliada em réis 15\$000.

— *Alcatifa da India*, nova, *de diu*, moderna, réis 19\$200.

— *Alcatifa da India de diu*, avaliada em réis 42\$000.

— *Alcatifa da India*, avaliada em réi 12\$000.

— Duas *alcatifas* avaliadas em réis 12\$000.

— Tapete novo de *Hollanda*, feito no Norte, com uma rosa grande no meio, muito vistoso, com um buraco em um canto, de um palmo quadrado, e 4 buracos, avaliado em réis 60\$000.

— Tapete de *Hollanda* novo, avaliado em réis 45\$000.

— Tapete da *India* pequeno, moderno, com cercaduras brancas, avaliado em réis 4\$000.

— Tapete pequeno da *India*, avaliado em réis 4\$000.

— Dois *pannos* avaliados em réis 12\$000.

— *Alcatifinha da India de diu*, nova, sem damificação alguma, tem cadilhos, avaliada em réis 16\$000.

Na relação das dividas caucionadas ha uma de réis 400\$000, ao desembargador Manuel Henriques Sacoto, que tinha de penhor *duas alcatifas da India*, e por outra divida de réis 240\$000 tinha o mesmo desembargador em caução uma outra *alcatifa*, parelha de uma que restava no casal e que não foi avaliada.

— Em poder de Simão da Silva Rebello estavam *duas alcatifas da India*, penhor de réis 69\$000.

Pelo que se encontrava só n'esta casa fidalga, poderá fazer-se idéa da riqueza que havia no paiz em alcatifas e sedas da India, pannos de Arraz e outras tapeçarias preciosas. Actualmente em *Razes* talvez a provisão de todo o paiz seja inferior a esta dos *Almadas Carvalhaes*.

J. RASTEIRO.

Noticias archeologicas extrahidas do «Portugal antigo e moderno» de Pinho Leal, com algumas notas e indicações, por E. R. Dias

(Continuação do n.º 4)

Amarante — villa e concelho. — Capella de N. Sr.ª, fundação ou reedificação de S. Gonçalo em 1250. Sepultura do mesmo santo n'um mausoléo de pe-

dra, tendo em cima a sua estatua. — Inscricção em portuguez n'um degrau da esçada da fonte, por detraz da egreja matriz, que é a do convento fundado em 1540 por D. João III. — Convento de franciscanas, fund. em 1220 por Santa Mafalda, filha de D. Sancho I. — *Archivo historico*, vol. 1; *Panorama*, vol. 2.º, 1843, pag. 33; *Varias antiguidades de Portugal* por G. Estaço, cap. xxix, pag. 9. — «Historia antiga e moderna da sempre leal e antiquissima villa de Amarante desde a sua primeira fundação pelos turdetanos, 360 annos antes da vinda de Christo Senhor Nosso, até ser incendiada pelos francezes em 1809». Pelo padre F. de A. C. de M. (capellão do conde de Amarante) — Londres, 1814. — *Archivo Pittoresco*, T. VII e VIII. — *Pontes romanas em Portugal* pelo illustre continuador do *Portugal ant. e mod.*, o rev. dr. Pedro Augusto Ferreira, no *Boletim da R. Assoc. dos Arch. e Archeol. Portug.*, T. V, n.º 12, pag. 182; *Memorias resuscitadas da provincia de Entre Douro e Minho*, por Francisco Xavier da Serra Crasbeeck, 1726. Na collecção de manuscritos da Bibliotheca Nacional de Lisboa. — *Archeologo Portuguez*, T. I, n. 1, pag. 17. — *O Minho Pittoresco*, por José Augusto Vieira, T. II, 403; *Historia de S. Domingos* (3.ª parte, vol. IV) por Fr. Luiz de Sousa.

Amares — villa e concelho. — Torre de Vasconcellos. — *Archivo historico*, vol. 1; *Bolet. da R. Assoc. dos Arch. e Archeol. Portug.*, T. VI, pag. 47. — *O Minho Pittoresco*, T. I, 419; Ponte romana sobre o rio Homem (*Branco e Negro*, 1896, n.º 10).

Ameixal ou **Ameixial** — villa, conc. de Estremoz. — Paredão arruinado, a que chamam *Torreão*; e outros restos de antiguidades. — No *Outeiro dos ataques* mandou D. Affonso VI levantar um grande padrão de marmore branco, á maneira de pelourinho, e rematado pela corôa de rei. No pedestal ha uma inscripção em portuguez. — *Relatorio e mappas ácerca dos edif. que devem ser classific. mon. nacionaes*; *Archeologo portuguez*, n.º 11, vol. I.

Ameixoeira — freg., termo de Lisboa. — No anno de 1719 fizeram-se excavações em um olival no sitio da *Varzea* e na azinhaga de Santa Suzana, onde se encontram muitos ossos e *tulhas mouriscas* (?), tumulos celtas (?). — Em 1720 appareceram tambem aqui dois cippos com inscripções romanas. — Dois poços do tempo dos arabes. — Antiga capella de N. Sr.º do Funchal, reedificada por D. Pedro II. — Albergaria junto á egreja. — *Archeologo portuguez*, n.º 11, vol. I.

Ameixoeira ou **Ameijoeira** (N. Sr.ª da) — Egreja na freg. de N. Sr.ª da Graça da Abrigada, conc. de Alemquer. Templo construido com grande magnificencia no seculo XVII. Bellos azulejos.

Amendoeira, Pinho Velho e Gradissimo — freg., conc. de Cortiços. — Forte romano em ruinas, onde se tem achado sepulturas, moedas romanas e outras antiguidades.

Amieira — villa, conc. de Portel. — Castello com quatro torres, das quaes a principal é a de menagem.

Amonde — freg., conc. de Vianna. — Vestigios de fortificações antiquissimas, no monte da *Corôa*.

Amoreira — aldeia do Algarve, a 2 kil. da aldeia de Algoz. — Aqui se tem encontrado moedas romanas e outras desconhecidas, alicerces de grandes edificios, tres poços antigos, etc.

Amoreira — lugar, conc. de Obidos. — Vestígios de um castello. Mosteiro de *Valle-Bem-Feito* (frades jeronymos), fund. em 1570 por D. Catharina, viúva de D. João III.

Amoreira da Torre — quinta no concelho de Montemor-o-Novo, que pertenceu aos Mascarenhas, condes de Santa Cruz e duques d'Aveiro. Estatuas romanas provenientes de Mertola. — *As estatuas romanas da quinta da Amoreira da Torre, proximo de Montemor-o-Novo*, pelo sr. Gabriel Pereira — artigo publicado na *Revista Archeologica*, iv, n.º 8, agosto, 1890; *Corpus — Inscript. Hisp. Latin.* pelo sr. E. Hübner, vol. II, supp., pag. 805.

Anões ou Annões — freg., conc. de Ponte do Lima. — Vestígios de antigas fortificações no alto de um monte a que chamam *Castello dos Mouros*.

Ançan — villa e concelho. — Em excavações feitas ha annos encontraram-se aqui umas banheiras de granito, guarnecidas de mosaico, para onde as aguas eram levadas por canos de chumbo, e um busto de marmore, vestígios do tempo dos romanos. — Convento de S. Marcos, fund. em 1395 por João Gomes da Silva, alferes mór de D. João I. — *Revista archeologica*, iv, n.º 2; *Memoria historico-chorographica dos diversos concelhos do districto administrativo de Coimbra*, pelo dr. A. L. de S. Henriques Secco, pag. 4-5.

Ancêde ou Ansêde — villa, conc. de Bayão. — Na estrada que d'aqui vae para o lugar das Caldas de Argos, ha no sitio de *Lordello*, um arco de cantaria lavrada, e no meio d'elle um tumulo. — Convento de frades cruzios fund. em 1107, junto ao Douro, onde ainda está a *Egreja velha*. Em 1160 mudou-se para o sitio da actual egreja, e em 1559 pousou a ser convento de dominicos. — *O Minho Pittoresco*, T. II, 452.

Anciães — villa, conc. de Carrazeda de Ancyães. — Tem castello romano (?), varias torres, sendo a principal chamada do *Sol*, e fortes muros de cantaria. — Varias inscripções. — Proximo do castello está a matriz, cuja data de fundação se ignora. Porta principal em arco, toda ornada de figuras, muito curiosa. N'uma columna do arco, uma inscripção em caracteres romanos, e dentro da egreja, á entrada, lado esquerdo, tres inscripções em caracteres desconhecidos. — Por vezes se tem encontrado medalhas romanas no sitio do mesmo castello. — Pelourinho partido. — *Relatorio e mappas ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *Memorias do concelho de Ancyães*, public. em 1857 pelo dr. José Maria de Moraes da Mesquita; *Memorias do arcebispado de Braga*, por D. Jeronymo Contador de Argote, tom. I, introdução, pag. xvii; *Noticias de Ancyães* por Antonio de Sousa Pinto, cit. pelo dr. Hübner no *Corpus*, vol. II, supp., pag. 897; *Archeologo Portuguez*, n.º 5, pag. 135.

Ancião — villa e concelho. — Inscriptão latina, gravada no pelourinho.

Ancião — serra da Beira Alta e Extremadura. — Vestígios de habitações arabes. — *Portugal Pittoresco* ou descripção historica d'este reino, por M. Fernando Denis, T. III.

Ancora — rio, conc. de Caminha. — Fortins da *Lagarteira* e do *Cão*, proximos da foz. — Ponte de cantaria, no lugar de *Abbadim*, feita pelos romanos. Sobranceiro ao forte do *Cão* está o monte de *Cividade*, onde ha vestígios de uma povoação ro-

mana. — *Archéologie préhistorique dans la province de Minho*, par M. José Caldas, *Congrès international d'anthropologie*, etc., 1880, *Compte rendu*, pag. 333; *Pontes rom. em Portugal* pelo rev. dr. P. A. Ferreira, no *Bolet. da R. Assoc. dos Archit. e Archeol. Portug.*, T. V, n.º 12, pag. 184; *O Minho Pittoresco*, T. I, 188.

Ancora — freg., conc. de Caminha. — Restos de um castello arabe. — No monte da Terrugem ha vestígios de edificios antiquissimos, talvez fortificações, e ainda se chama a este sitio *Crasto de mouros*. — No cume do monte da *Cividade*, que se chama assim porque n'elle houve uma grande povoação de que existem vestígios, ainda em 1872 se acharam varias pedras lavradas, tijolos, fragmentos de amphoras e outros objectos. — Teem apparecido n'estes sitios sepulturas antiquissimas, mãmos celticas. — Capella de Nossa Sr.ª do Socorro, no lugar da *Lage*. Cruzeiro que está em frente. — Moedas de cobre, antiquissimas, no sitio onde existiu a aldeia do *Crasto*. — A respeito d'esta e de outras povoações do Minho, veja-se *O Minho pittoresco*, edição do sr. Antonio M. Pereira; *No Minho*, por D. Antonio da Costa; *Introdução á archeologia da peninsula iberica*, por Augusto Filipe Simões; *Association française pour l'avancement des sciences, Congrès de Montpellier*, 1879. *Notice sur les monuments mégalithiques du Portugal*, pelo sr. Possidonio da Silva. Referencias a numerosas localidades do nosso paiz. (Sobre castros e cidades veja-se *As villas no norte de Portugal*, pelo sr. Alberto Sampaio, na *Revista de Guimarães*, julho e outubro de 1893, pag. 161 e 209; *Archeologo Portuguez*, n.º 1, pag. 3, artigo do seu illustre redactor o sr. dr. Leite de Vasconcellos); *Cova da Moura*, no Fraião, artigo do sr. dr. F. Martins Sarmiento na *Revista de sciencias naturaes e sociaes*, Porto, 1893, vol. IV, n.º 13, 2.ª serie, n.º 5, pag. 29.

Angueira (S. Martinho) — freg., conc. de Miranda. — Vestígios de castellos mouriscos: *Castro do Gago* e *Castro de Cocoya*. — Tres padrões commemorativos de victorias alcançadas: a cruz *Branca*, a cruz d'*Aguas vivas* e a cruz de *Infanes* (ou *Ifanes*). — *Archeologo Portuguez*, vol. I, n.º 11.

Anissó ou Anizó — freg., conc. de Vieira. — Vestígios de castello arabe no monte do *Crasto*, e de outro castello mourisco n'um sitio ainda hoje chamado *Crasto-Medoeiro*. — *O Minho Pittoresco*, T. I, 492.

Anna do Campo (Santa) — freg., conc. de Arayolos. — Inscriptões romanas na capella mór da egreja matriz. — *Bolet. da R. Assoc. dos Archit. e Archeol. Portug.*, T. III, pag. 111. — Veja-se adiante o artigo **Arrayolos**.

Anta — freg., conc. da Feira. — Houve aqui uma anta, que deu o nome á freguezia de S. Martinho.

Antas — freg., conc. de Villa Nova de Famalicão. Foi habitada pelos celtas, como o seu nome está indicando. Teve mosteiro de templarios.

Antas de Penalva — freg., conc. de Penalva do Castello. — Antas em grande numero — *Conferencia sobre as antas na Academia real de historia portugueza* em 30 de julho de 1733, por Martinho de Mendoça de Pina. *Collecção das memor. d'esta academia* (1733). — *Archeologo Portuguez*, vol. II, n.º 2, pag. 54.

Antas de Penedono — freg., conc. de Penedono.

- Deriva também o seu nome das numerosas *antas* n'ella existentes.
- Antepaço** ou **Antepasso** — aldeia, conc. de Ponte do Lima. — Ainda no fim do século XVIII havia aqui tres padrões (*marcos milliarios*) com inscripções. — Ponto de passagem da via militar romana (estrada da *Geira*) de Braga para Astorga.
- Appellação** — freg., termo de Lisboa. — Igreja fund. em 1390. Inscrição na capella mór.
- Apulia** — villa, conc. de Espozende. — Vestigios de uma valla construida pelos romanos. N'esta valla entrava o mar, formando um *esteiro* navegavel para os pequenos barcos que levavam aos navios o ouro das minas que então aqui se exploravam. — *O Minho Pittoresco*, T. II, 202.
- Aradas** — villa, conc. de Aveiro. — Igreja que já existia em 979. — *O districto d'Aveiro*, pelo sr. Marques Gomes.
- Aramenha** — villa, conc. de Marvão. — Vestigios d'um templo. — Teem-se encontrado aqui moedas de ouro do tempo de Vespasiano, Tito, Trajano e outros; vasos, lapidas com inscripções, alicerces de grandes edificios, columnas de diferentes grandezas, capiteis, cantarias de mimosos labores, medalhas de prata e bronze. Na *Varzea de Aramenha* veem-se muitas torres e pontes sobre o rio Sever, restos de um aqueducto romano e de pavimentos, uns lageados, outros de mosaico, columnas e ricas sepulturas de bellos marmores com epitaphios. — Na quinta da *Azenha Branca* e na serra da *Portagem* teem apparecido muitas antiguidades. — *Not. arch. de Port.* pelo sr. Hübner; *Apontamentos archeologicos. Porta de Aramenha*, pelo dr. Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão, no *Boletim architectonico e de archeologia* da R. A. dos A. e A. P., T. I, pag. 23, 43, 70 e 132; *Corpus — Inscr. Hisp. Latin.*, vol. II, pag. 20; *Archeologo Portuguez*, vol. II, n.º 2, pag. 34).
- Arca** — freg., conc. de Oliveira de Frades. — Dolmen junto á igreja. — *Archeologo Portuguez*, vol. II, n.º 2, pag. 53.
- Arcos** — freg., conc. de Estremoz. — Vestigios de uma *atalaia*.
- Arcos** — freg., conc. de Villa do Conde. — No monte da *Reguenga* uma estrada coberta, que vae ter ao rio Ave.
- Arcos** — freg., conc. de Ponte do Lima. — Na serra de Arga vestigios de um castello chamado de *Amorim*. — No monte do *Castello da Formiga*, restos de varios edificios.
- Arcos de Valle de Vez** — villa e concelho. — Vestigios da torre *Penaguda*. — Pelourinho notavel do século XVI, que está no sitio das *Poldras de Vallêta*. — Misericórdia e hospital fund. pelos annos de 1393. — No logar da capella de S. Thiago descobriram-se, no meiado do século XVIII, uns arcos de tijolo enterados a pouca profundidade do solo. Suppõe-se que são sepulturas carthaginezas ou romanas (?) — Convento de capuchos de Santo Antonio, fund. em 1678 por Bento Cerveira Bayão. — Igreja matriz do Salvador, fund. em 1372 pelo abbade de Sabadim, e reconstruida no reinado de D. Pedro II. — *Archivo historico*, vol. I; *As cidades e villas*, por Vilhena Barbosa; *Archeologo Portuguez*, n.º 6, pag. 161, artigo do sr. dr. Felix B. da Costa Alves Pereira. — *O Minho Pittoresco*, T. I, 289 e 313.
- Arcozello do Lima** — freg., conc. de Ponte do Lima. — No alto do monte de S. Miguel, vestigios de fortificações romanas. — Ponte de cantaria com 34 arcos. — Torre antiga com ameias, *Torre Velha*. — Mosteiro de freiras franciscanas do *Valle de Pereiras*, fund. cerca do anno de 1350. — *Pontes rom. em Portug.*, pelo rev. dr. P. A. Ferreira, no *Bolet. da R. Assoc. dos Archit. e Archeol. Portug.*, T. V, n.º 12, pag. 184; *O Minho Pittoresco*, T. I, 237.
- Arcozello da Serra** — freg., conc. de Gouveia. — Convento de freiras franciscanas, fund. em 1339 por Maria Borges. — Dois dolmens, um penedo baloiçante e uma *casa* aberta a picão dentro d'outro penedo.
- Arda** — rio, com. de Arouca. — Nas proximidades teem apparecido muitas mós de pedra que os arabes empregavam na extracção do ouro, então existente n'este rio e nos montes marginaes.
- Ardãos** — freg., conc. das Boticas. — Grandes lagoas, que se presume terem sido minas de metal no tempo dos romanos.
- Arégos** — villa extincta, com. de Lamego. — Albergaria mandada construir no século XII por Santa Mafalda, rainha de Castella, e filha de D. Sancho I, de Portugal. — Capella de Santa Maria Magdalena, dotada e fund. na *villa das Caldas* por D. Mafalda, mulher de D. Affonso I.
- Areias** — freg., conc. de Barcellos. — Torre com ameias junto ao rio Ave. — Capella de N. Sr.ª da Expectação.
- Areias e Magdalena de Villar de Frades** — vide *Villar de Frades*.
- Arga** — serra do Minho. — Ruinas de povoações e fortalezas antigas. — Houve aqui cidades romanas (?), um mosteiro *duplex* (de frades e freiras) da ordem de S. Bento, e outros conventos. — *Portugal Pittoresco*, T. III; *O Minho Pittoresco*, T. I, 174.
- Arganil** — villa e concelho. — Igreja de S. Pedro, no sitio onde estão ruinas de uma povoação antiga; é de architectura gothica; diz-se que foi mesquita de mouros. — Teem aqui apparecido moedas romanas de ouro e prata. — Palacio da mitra de Coimbra, fund. no século XIV. — Convento de cruzios, fund. em 1086 por D. Vermudo Paes e sua mulher; transferido em 1190 para a *Matta de Folques* sob a invocação de S. Pedro. — *Archivo historico*, vol. I; *As cidades e villas*, por Vilhena Barbosa; *Mem. hist. chorog. dos div. conc. do dist. adm. de Coimbra*, pelo dr. Henriques Secco; *Pombeiro da Beira*, memoria historica, descriptiva e critica, pelo sr. visconde de Sanches de Frias (1896) pag. 52.
- Argozello** ou **Arguzello** — freg., conc. do Outeiro. — Vestigios de uma fortaleza *mourisca*.
- Arnal** — aldeia, perto da Batalha. — Em 1833 foi aqui descoberto o pavimento de bello mosaico de uma vasta e sumptuosa casa romana. — Minas de carvão e ferro exploradas pelos romanos.
- Arneiro das Milharças** — freg., conc. de Santarem. — Convento de S. João Baptista, fund. por D. João d'Alencastre em 1383.
- Arnoia** ou **Arnoya** — freg., conc. de Celorico de Basto. — Castello arabe (?) arruinado. — Convento de frades beneditinos, onde foi sepultado em 1034 D. Monio Moniz, ascendente de Egas Moniz. — *O Minho Pittoresco*, T. I, 336.
- Arouca** — villa e concelho. — Antas e mamoas. — Convento antiquissimo. N'um dos altares da igreja

está em sarcophago de pau santo, guarnecido de prata, a rainha D. Mafalda, que era filha de D. Sancho I de Portugal. A 10 de janeiro de 1734 canonizou-a o papa Pio VI. Na capella de S. Bartholomeu ha um tumulo mettido na parede, com arco e um letreiro gothico illegivel. Tem bons azulejos nas paredes. — *Monte Crasto ou Arraial*, onde os mouros tinham acampamento permanente. — *O districto de Aveiro* pelo sr. Marques Gomes; *Archivo historico*, vol. i; *O mosteiro de Arouca*, lenda historica por A. F. d'Araujo e Silva (Aveiro, 1886); *Castello de Cham*, artigo no *Panorama*, vol. 2.º, 1843, pag. 353; *Conimbricense*, do sr. Joaquim Martins de Carvalho, 23 de junho de 1885; *Revista archeologica*, iv, n.º 4; *O mosteiro de Arouca*, no *Occidente*, vol. vi, pag. 236, 260, 268, 276; vol. vii, 4, 22, 30, 44, 52; ix, 59; *Um calvario em Arouca, Occid.*, vol. ix, 90.

Arouce — rio, perto da villa da Louzã. — Castello sobre rochedos com uma torre perfeitamente conservada. Em frente do castello as ruinas de uma povoação antiquissima.

Arrabalde da Ponte — freg., conc. de Leiria. — Convento de frades franciscanos, fund. em 1384 por D. João I.

Arrabida — serra, conc. de Setubal. — Formosas stalactites e stalagmites na gruta de Santa Margarida. — No *castello de Olivede* ou *Olivete*, vestigios de uma antiga fortaleza. — No *Monte Formosinho* ruinas de um templo de Apollo, segundo a tradição. — Na vertente d'esta serra, onde é a *Torre do Outão*, dizem que houve um templo de Neptuno. Quando em 1644 D. João IV mandou accrescentar esta fortaleza, fizeram-se excavações, e então se encontrou parte de uma estatua de marmore e uma estatua de metal, d'aquella divindade. Encontraram-se tambem nas ruinas do templo muitas architraves e pedaços de columnas de marmore fino e inscripções latinas, em que se dava ao sitio o nome de *Promontorio de Neptuno*. Apareceram então muitas medalhas de cobre dos imperadores Vespasiano, Tito e Adriano. — O convento é composto de varias cellas espalhadas pela montanha, mas todas cercadas por um muro. — *Occidente*, vol. ii, pag. 150; iv, pag. 193; ix, 198; *Chronica da Arrabida*, de Fr. Antonio da Piedade; *O palacio de Calhariz*, Diogo Bernardes, Fr. Agostinho da Cruz, a *Serra da Arrabida*, pelo sr. Bulhão Pato, nas *Artes e Lettras*, 1872, pag. 81, 97; *De antiquitatibus Lusitaniæ*, por André de Rezende. Evora, 1593, fl. 27; *Arrabida* (notas) pelo sr. Arnaldo da Fonseca, artigo da *Revista Illustrada*, 1890, pag. 112; *Portugal Pittoresco*, T. iii; *Memoria sobre a historia e administração do municipio de Setubal* pelo sr. Alberto Pimentel, pag. 221; *Branco e Negro*, 1896, n.º 10; *Das ordens religiosas em Portugal*, pelo sr. Pedro Diniz, pag. 147; *Impressões de um passeio á Arrabida. Descripção historica e topographica do sitio* pelo sr. Manuel Maria Portella (Folhetins da *Gazeta Setubalense*, n.ºs 213 a 219, de julho a agosto de 1873).

Arraiolos ou Arrayolos — villa e concelho. — Castello com seis torres, do tempo d'el-rei D. Diniz (1310). — A 5 e meio kil. da villa acham-se muitos vestigios de uma povoação romana, sendo o principal a igreja de Sant'Anna, fund. pelos romanos em honra das suas divindades, e depois convertida em igreja christã. — No sitio de *Villa*

Ladra descobriu-se em 1868 um tumulo romano, sem ornamento ou inscripção, contendo ossos humanos e uma moeda de cobre do tempo do imperador Augusto. N'este mesmo sitio se teem achado outros vestigios romanos e uma moeda de ouro gothica. — Convento de frades franciscanos; idem de frades loyos, edificado por João Garcez em 1527. — *Archivo historico*, vol. i; *As cidades e villas*, por Vilhena Barbosa; *Relatorio e mappas acerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *Noticias arch. de Portugal*, pelo sr. Hübner; *As ruinas romanas de Sant'Anna do Campo*, pelo sr. Gabriel Pereira, na sua preciosa publicação *Estudos ebo-renses*, 1891; *Noticia archeologica*, no *Archivo Pittoresco*, T. xi; *Memorias historicas*, pelo dr. Joaquim H. da Cunha Rivara, no *Panorama* de 1853 e 1854; *A igreja da freguezia de Sant'Anna do Campo*, pelo sr. J. da Silva, no *Boletim architectonico e de archeol.*, T. iii, n.º 7, pag. 111; *Corpus — Inscript. Hisp. Latin.*, vol. ii, 13-17; supp., 805; *Artes e artistas em Portugal*, pelo eminente publicista e archeologo sr. dr. Sousa Viterbo, pag. 69 e 70. — Lisboa, 1892.

Arreigada ou Reigada — villa, conc. de Almeida. — Torre com sete palmos de largo e de grande altura, que está hoje reduzida á terça parte (60 palmos); serve de casa da camara.

Arrifana de Aljezur — ilha do Algarve, situada quasi defronte de Aljezur. — Fortaleza desmantelada.

Arrifana de Santa Maria — freg., conc. da Feira. — Igreja matriz, de bella architectura.

Arrifana de Sousa (Penafiel) — Sumptuosa matriz construida em 1570. — Convento de frades capuchos da provincia da Soledade, fund. em 1666. — *O Minho Pittoresco*, T. ii, 512; *Arrifana de Sousa illustrada*, pelo padre João de Meyrelles Beça; *Cousas leves e pesadas*, por C. Castello Branco, pag. 83.

Arrimal — serra, com. de Leiria. — Arco triumphal, tendo no collo da cimalha uma inscripção. Sobre a cimalha vê-se a estatua de D. Affonso I. Este monumento acha-se nas proximidades da *aldeia dos Vidaes* e dos *Casaes do Rei*, a 12 kil. das *Caldas da Rainha*.

Arroios ou Arroyos — Foi arrabalde de Lisboa; hoje faz parte d'esta cidade. — Na sacristia da igreja parochial de S. Jorge, para onde foi removido, está um monumento commemorativo da reconciliação que a rainha Santa Izabel estabeleceu entre seu marido (D. Diniz) e seu filho o infante D. Affonso. Commemorando tambem estas pazes, ha, proximo ao *Campo Pequeno*, uma lapida com inscripção. — *Monumentos de Portugal*, por I. de Vilhena Barbosa; *Relatorio acerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *Monumento no sitio de Arroyos*, art. de João Manuel Diniz de Oliveira Travassos, no *Archivo Pittoresco*, T. viii, n.º 4.

Arronches — villa e concelho. — Foi praça d'armas. — Castello romano reformado por el-rei D. Diniz em 1310. — Matriz muito antiga e torre dos sinos ainda mais antiga. — Convento de frades (de N. Sr.ª da Luz) fund. em 1570. — Misericordia e hospital fund. pelo alcaide mór D. Ruy Gonçalves em 1372. — Igreja do Espirito Santo, antiquissima. — Convento de congregados da Tomina, principiado pelos annos de 1710. — *Archivo historico*, vol. i.

Arruda dos Vinhos — villa e concelho. — Matriz que já existia no tempo de D. Affonso I. — Convento de commendadeiras da ordem de S. Thiago, fund. em 1196; transferido para Lisboa, ficando conhecidas as religiosas por *Commendadeiras de Santos*. — Misericórdia e hospital fund. pelo povo em 1574. — *Archivo historico*, vol. I.

Arvore — freg., conc. de Tentugal. — Convento de freiras franciscanas (de N. Sr.^a de Campos).

Arvore — freg., conc. de Villa do Conde. — Sumptuosa egreja mandada construir por el-rei D. Manuel em 1500. — Convento de Templarios, do século XII; depois mudou para *claustraes*, e por fim para frades capuchos da provincia da Piedade.

Assêca — ribeira do Alentejo; principia na freg. de S. Tomão. — Ponte de cantaria lavrada, com cinco arcos; é muito antiga.

Assumar — villa, conc. de Monforte. — Muralhas e castello do tempo de Affonso IV (1332). — Uma inscripção na porta principal da villa. — Misericórdia e hospital muito antigos.

Atões — freg., conc. de Villa Verde. — *Paço de Atões*. — Padrão passado por D. Sebastião em 1558.

Atalaia e Carvalhal — freg., conc. de Pinhel. — Ruínas de uma fortaleza antiga.

Atalaia do Campo — freg., conc. do Fundão. — Vestigios de cerca de muralhas. — *Apontamentos para a historia do concelho do Fundão*, pelo sr. José Germano da Cunha, pag. 54.

Ataúdes (Monte dos) — proximo d'Amarante. — Cemiterio arabe. — Vestigios de uma fortaleza antiga, n'um monte fronteiro.

Atel, ou **Athei**, ou **Athey**, ou **Atrim** — villa, conc. de Mondim de Basto. — Sino muito antigo, achado no sitio do *Outeirinho de Deus*. No monte *Palhaços*, vestigios de grandes edificios romanos ou arabes, e uma galeria ou estrada subterranea, que tem 9 kilometros e vae sahir a um despenhadeiro chamado *Furaco*, sobre o Tamega.

Atiães — freg., conc. do Prado. — Torre com ameias.

Atougua da Baleia — villa e concelho. — Convento de freiras, que foi templo romano dedicado a Neptuno, o que consta de uma lapida que está na parede exterior da capella mór. — Restos de um castello e o forte de N. Sr.^a da Consolação. — Convento de frades franciscanos (de S. Bernardino). — *Archivo historico*, vol. I; *As cidades e villas*, por Vilhena Barbosa.

Aufragia, ou **Eufragia**, ou **Eufrazia** — cidade antiquissima do Minho, que existiu nos limites da actual freg. de Fareja. — Ruínas dos paços do regulo Liciniano ou Lenciano no sitio chamado *Cirgude* (?) — Pelos fins do século XVIII appareceram nos montes proximos a Fareja 74 sepulturas muito antigas.

Auronca — cidade antiquissima da provincia do Douro, de que ha pequenos restos, perto do Mar nel.

Avanca — freg., conc. de Estarreja. — Egreja cuja construcção principiou em 1727, parte custeada pelo povo, parte pela commenda de Christo. — Capella de Santo Antonio.

Avcasta ou **Ave-Casta** — aldeia, freg. de N. Sr.^a da Graça das Areias, conc. de Ferreira do Zezere. — Pouco acima da capella de S. João Degolado uma lapa e caverna que lhe serve de pateo, na qual se levanta um arco de pedra, que tem

de largo mais de 13 metros e de alto 5,5 — *Lusitanos e romanos em Villa Franca de Xira*, pelo sr. dr. Francisco Ferraz de Macedo (Lisboa, 1893).

(Continúa)

JOIAS DE D. LEONOR DE ARAGAO, FILHA DE D. AFFONSO IV, DE PORTUGAL

(Inventario datado de 1317)

Instrumento de como a rainha D. Leonor de Aragão, filha del Rey D. Affonso IV de Portugal, recebeo do dito Rey huma coroa de ouro com quatro pedras esmeraldas, e com outras pedras. Consta do instrumento original que está na Torre do Tombo, gaveta 14. maço terceiro da casa da Coroa, donde o copiey.

Primeiramente huma coroa d'ouro com quatro pedras smeraldas, tres robins grandes, e seis safiras grandes, e outras muitas pedras miudas com aljofar gravado, e outros mais miudos.

Item. huma cinta de fio toda de prata com esmaltes dourados ancha como dous dedos com fivela de macha femea com figura de cabeça de leom com biqueira, outro si de macha femea smaltada, e dourada, a qual antam pezava nove marcos, e huma onça e tres quartas.

Item outra cinta mais estreita de pano de seda com ouro dalfres, e com pregadura de prata toda dourada, que pesava dous marcos, e cinco onças e meia.

Item uma copa toda de ouro cham com sua sobre porta com esmaltes verdes no cano, que pezava tres marcos, e sete outavas d'onça.

Item hua copa de cristal que tem o pé de prata, e sobre copa dourados com finalete, a qual pezava dous marcos e sette onças e duas outavas.

Item outra copa de prata dourada com sa sobre copa dourada e toda esmaltada, a qual pezava quatro marcos seis onças.

Item outra copa de prata toda dourada com hum esmalte em meios, a qual pesava dous marcos, e tres onças, e tres outavas.

Item outra copa de nacar com seu pé de prata, e sobre copa de prata dourados com seus esmaltes que pesava dous marcos sete onças e meia.

Item outra copa de cristal com seu pé de prata dourado sobre copa com huma figura d'ave em cima toda coberta desmaltes dourados, que pezava sete marcos e meio.

Item hum copete de cristal com seu pé de prata dourada smaltado, que pesava hum marco e tres onças e meia.

Item hum pichel de cristal com seu pé, e cobertura de prata dourado smaltado, que pesava quatro onças.

Item outra copa de prata com sa sobre copa smaltada e dourada, que pesava quatro marcos e cinco onças.

Item hum pé de copa, e hum sobre copa de prata toda dourada, que pesava quatro marcos, e quatro onças e tres quartas.

Item hum sombreiro de *Guebe* vermelho com seu cordam com aljofar, e com pedras grandes vermelhas quadradas, e com outras pedras pequenas verdes, e outras vermelhas redondas dobretes e vidraças.

Item hum colhareiro de prata com doze colhares de prata, que pezava quatro marcos.

Item duas scodelas de prata britadas e huma sãa com signaes de castellos e d'aguias, que pesavam quatro marcos e tres onças e meia.

Item hum tribulo de prata com sas cadeas que pesava tres marcos e hum onça, as quaes coroa e cintas e copas e cousas susoditas o dito senhor rey dizia que lançara Donna Maria mulher que foi do infante Dom Pedro de Castella por duas mil e cem livras dessa moeda de Portugal a Nicola Domingues e a Joam de Rates mercadores visinhos da cidade de Lisboa, e porque avia gram tempo que as tinham asi a penhor, e a dita D. Maria nom mandava tirar, os ditos mercadores as mandavam vender, e que vendo esto o dito Senhor Rey dizia que mandara pagar aos ditos mercadores a dita quantia, e que os ditos mercadores lhas entregaram, e sulorgaram-lhe todo o direito, que a ella haviam, e dizia o dito Senhor Rey, que el dava e entregava á dita Raynha sa filha as ditas cousas para haver em ellas, e per ellas todo o direito, que em ellas havia, e que outro si houvesse per as ditas cousas duzentas dobras de ouro, que Lopo Fernandes Pacheco, senhor de Ferreira, emprestára á dita Donna Maria para seu mantimento. . . Lisboa, nos paços do dito Senhor Rey vinte e cinco dias de julho era de mil e trezentos e outenta e cinco annos. (Entre as testemunhas) Fernão Gonçalves Cogominho copeiro mor do dito senhor Rey . . . Gil Vasques thizoureiro. — Domingos Martins escrivam do thizouro . . .

(Hist. Genealogica da Casa Real Portugueza. Provas. Tomo 1.º 258).

INVENTARIOS ANTIGOS

Thesouro do infante D. Diniz

Na era de 1316 (anno 1278) a 20 dias de junho deu elrei D. Affonso conde de Bolonha casa ao infante D. Diniz, e deu-lhe de assentamento em dinheiro quarenta mil libras.

Deu-lhe mais em prata lavrada um bacio de signaes de aguias e liões, que pesava tres marcos e cinco onças.

Este lhe deu a rainha sua mãe.

Uma escudella que pesou um marco e sete onças.

Outra escudella que pesou um marco e sete onças e meia.

Outra escudella que pesou um marco e sete onças.

Outra que pesou um marco e sete onças.

Outra de outro tanto.

Outra que pesou um marco e sete onças e meia.

Outra que pesou dois marcos e quatro onças.

Outra que pesou dois marcos e uma onça.

Outra que pesou um marco e seis onças e meia.

Outra de um marco e sete onças e meia.

Outra de marco e quatro onças e meia.

Outra de dois marcos e uma onça e meia.

Outra de dois marcos e uma onça e meia.

Outra de dois marcos e quarta de onça.

Um talhador de prata que pesou seis marcos.

Outro talhador que pesou quatro marcos e sete onças e meia.

Um salseiro ou saleiro que pesou um marco e oitava de onça.

Outro saleiro que pesou um marco e meia onça.

Outro de um marco e quarta de onça.

Outro de um marco.

Doze colheres que pesarão um marco e quarta de onça.

Um pichel de tres marcos e seis onças e meia, para dar agua ás mãos de D. Diniz.

Somma nesta prata do infante D. Diniz: cincoenta e dois marcos seis onças e quarta de onça.

Prata delrei D. Affonso III

Prata delrei D. Affonso, conde de Bolonha, que elrei D. Diniz herdou por morte de seu pai.

Um pichel de prata que pesou seis marcos e meio.

Outro de seis marcos e duas onças e meia.

Outro que pesou cinco marcos e meia onça.

Outro que pesou cinco marcos e onça.

Outro de tres marcos e uma onça e meia.

Outro de tres marcos e duas onças.

Outro de dois marcos e cinco onças.

Uma justa de prata lavrada que pesou dois marcos e cinco onças.

Uma copa com sua sobrecopa que pesavam quatro marcos e sete onças.

Outra copa com sua sobrecopa de outros quatro marcos e sete onças.

Um vaso de prata de um marco e tres onças e tres quartas de onça.

Outro vaso de outro marco e tres onças e meia.

Outro de outro marco e tres onças e tres quartas de onça.

Outro de outro marco e tres onças e meia.

Outro de outro marco e uma onça e quarta de onça.

Outro vaso lavrado e dourado que pesou um marco e tres onças e tres quartas de onça.

Outro de marco e tres onças e tres quartas de onça.

Et sic fit per totam supradictam pratam quinquaginta et quatuor marce et duae uncie et tres quarte de uncia — 54 marcos 2 onças e 3 quartos

Item recepit idem Stephanus Johanes de Petro Johanes q. fuit repostarius in primis una scutella que pesavit duas marcas et duas uncias et meia, et alia que pesavit 3 marcas minus uno arentio.

Outra de tres marcos, menos tres quartas de onça.

Outra de tres marcos, menos quarta de onça.

Outra de dois marcos e meio.

Outra de tres marcos, menos dois arencios.

Outra de tres marcos, menos seis arencios.

Outra de tres marcos, menos dois arencios.

Outra de tres marcos, menos onça e quarta.

Outra de dois marcos e duas onças.

Outra de tres marcos, menos onça e quarta.

Outra de tres marcos, menos quarta de onça.

Outra de tres marcos, menos quarta de onça.

Outra de dois marcos e meio, menos tres quartas de onça.

Outra de tres marcos, menos dois arencios.

Outra de tres marcos, menos onça e quarta.

Outra de dois marcos e meio.

Outra de tres marcos, menos quarta de onça.

Outra de tres marcos, menos quarta de onça.

Outra de dois marcos e tres onças.

Outra de tres marcos, menos onça e meia.

Outra de tres marcos, menos quarta de onça.

Outra de tres marcos, menos dois arencios.

Outra de tres marcos.

Outra de dois marcos e meio e dois arencios.

Outra de dois marcos e meio.

Outra de dois marcos e seis onças, menos oitava.

Um talhador que pesou quatro marcos, menos tres onças.

Outro de quatro marcos e meia onça.

Outro de quatro marcos e meia onça.

Outro de quatro marcos, menos tres quartas de onça.

Outro de dois marcos e meia onça.

Outro de dois marcos e cinco onças.

Um salseiro (*salsarium*) de um marco, menos dois arencios.

Outro de um marco.

Outro de outro marco.

Outro de outro marco.

Outro de outro marco e quarta de onça.

Outro de outro marco.

Outro de outro marco, menos meio arencio.

Outro de marco, menos dois arencios.

Tres *salsaria* de tres marcos e tres onças, menos quarta.

Sete colheres, as seis destas pesaram um marco menos quarta de onça, e as outras (sic) pesaram duas onças e meia.

Uma justa daguas mãos (d'agua às mãos); jarra ou alvarrada, que pesou tres marcos e meio, menos meia onça.

Dois scorpões cum suo steo de prata, et cum uno pede de prata, em que punham sal, que pesou tres marcos e seis arencios

Outro bacio de quatro marcos e duas onças.

Outro bacio de nove marcos e meio.

Outro bacio de seis marcos e meio e quarta de onça.

Outro de seis marcos e meio e quarta de onça.

Outro de seis marcos e duas onças.

Outro de sete marcos e cinco onças e meia.

Outro de sete marcos e seis onças e meia.

Outro de sete marcos e sete onças e tres quartas de onça.

Outro de oito marcos e sete onças.

Outro de oito marcos, menos meia onça, e menos um arencio.

Somma nesta prata delrei D. Affonso: 193 marcos e duas onças e meia, e quarta de onça, não descontando nada dos arencios, que deve ser pouca cousa.

RELATORIO DA BIBLIOTHECA DA ASSOCIAÇÃO

Senhores. — Cumprindo o que dispõe o art. 9.º do regulamento d'esta Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, de 7 de novembro de 1891, tenho a honra de submeter á apreciação da assembléa geral o relatorio que nos cumpre apresentar na qualidade de conservador da bibliotheca.

De 18 de dezembro de 1894 até 30 de novembro do anno proximo passado de 1895, tem entrado para a bibliotheca d'esta associação, por offerta e por aquisição própria, sessenta e sete obras e publicações, além de varios periodicos que abaixo se mencionam.

Como interpretes dos sentimentos da Real Associação, consignamos aqui o nosso reconhecimento para com o Estado e para com varias associações scientificas, nacionaes e estrangeiras, que nos tem

enviado algumas das suas publicações; mencionaremos os ministerios do Reino e de Obras Publicas, Camara do Commercio de Lisboa, Camara municipal de Beja; sociedades de Geographia de Lisboa, Martins Sarmento de Guimarães e de Sciencias Naraes e Sociaes do Porto.

Dos paizes estrangeiros recebemos de Hespanha, França, Italia, Estados Unidos da America do norte e da do sul e do Mexico, varias publicações que se encontram mencionadas no mappa junto a esta modesta exposição e que se não indicam aqui para a não tornar longa.

Tambem ali se encontram indicadas as obras offerecidas pelos srs. Albano Bellino, Antonio Cesar Mena, Carmo Nazareth, Cavalleiro e Sousa, Cazalis de Fondouce, conde de Maray, Ernest de Kerros, Padre Espanca, Esteves Pereira, Gabriel Pereira, Joaquim Silvano, Leite e Vasconcellos, Marques Pinheiro, Maximiano de Aragão, Oscar Leal, Ribeiro de Vasconcellos e Rocha Dias.

Na sua maioria são estes nomes conhecidos pela sua inquebrantavel dedicação e notavel interesse pelo engrandecimento e lustre d'esta Real Associação, que tem no devido apreço e consideração os seus bons serviços.

Entre as aquisições feitas pela bibliotheca, devemos fazer menção especial da *Arte Portuguesa*, revista illustrada de archeologia e arte moderna, destinada a prestar valiosos serviços á archeologia e arte portugueza, se motivos expostos na bem elaborada circular que acompanha o sexto e ultimo numero, não determinassem a suspensão da sua publicação. Ahi ficam seis numeros archivados, rivalizando com o que de melhor no genero se publica nos paizes mais cultos e adiantados em artes, attestando o merito dos seus redactores e honrando as artes graphicas em Portugal.

Tambem archivamos os numeros 2.º, 3.º e 4.º do *Boletim* d'esta Real Associação, que continúa justificando a sabia escolha que ella fez dos membros da illustre commissão encarregada da redacção, e a evidenciar o zelo e competencia d'esta.

Egualmente archivamos a collecção completa do *Diário do Governo*, referente á epoca de que trata este relatorio, e alguns numeros dos seguintes periodicos, devidos á amavel gentileza das suas redacções: *Louletano*, *Districto de Faro*, *Manuelino d'Evora*, *Bejense*, *Correio da Extremadura*, *Auro-ra do Cavado*, *Fim do Seculo* e *Revista Colonial*.

Com prazer notamos sensivel augmento no numero de leitores que consultaram obras na nossa bibliotheca, sendo as mais procuradas as que tratam de historia, architectura e archeologia.

Finalmente existem na bibliotheca d'esta associação importantes subsidios para a historia da archeo-

logia, sciencia que tem progredido notavelmente no orbe civilisado desde que Dante e Petrarca, esses dois genios que receberam com os affectos de Beatriz e de Laura, luz, inspiração e poesia, depozeram um momento a lyra immorredoura para investigar antigos manuscriptos, decifrar inscrições e estudar moedas. Iniciavam a archeologia!

Este inicio foi vigorosamente impulsionado por outros dois nomes immortaes: Miguel Angelo Buonarrotti e Rafael Sanzio d'Urbino, que enlevados na belleza do grupo de Laocoonte, deslumbrante maravilha da arte encontrada em Roma nas ruinas das thermas de Tito em 1506, por Felix de Fredi, desejaram descobrir o auctor e a era da execução de tão notavel manifestação do genero humano. Estudaram e investigaram com gosto, interesse e criterio as ruinas da architectura grega e romana e inscrições lapidares.

Irradiou o gosto por este genero d'estudos por alguns paizes da Europa civilisada, não sendo Portugal dos ultimos a manifestar interesse pela nova sciencia que despontava; porém, só depois de publicados os estudos de André de Resende sobre as *antiguidades d'Evora* e outros, posto que restrictos á epoca do dominio romano, é que se accentua, desenvolve e progride entre nós o amor pelos estudos archeologicos. Em 1733 lia, na Real Academia de Historia Portugueza, Martinho de Mendonça e Pina, uma memoria sobre os *rudes altares*, primeiro trabalho apresentado em Portugal com referencia a monumentos prehistoricos.

D'então até hoje, especialmente no decorrer dos ultimos annos, são grandes, importantes e notaveis os progressos da archeologia entre nós. Em quasi todos os pontos do nosso Portugal encontram-se amadores desvelados, ou sabios eruditos que cultivam com interesse, dedicação e proveito algum dos variados ramos da vasta sciencia archeologica, tão cheia de attractivos, seducção e encantos!

Com satisfação e legitimo orgulho terminamos, dizendo: á Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes cabe a gloria de ter contribuido poderosamente para o desenvolvimento e progresso d'este movimento scientifico n'este ultimo quarto de seculo em Portugal.

Museu do Carmo, 13 de fevereiro de 1896.

O conservador da bibliotheca

VISCONDE DA TORRE DA MURTA.

Mappa demonstrativo das publicações adquiridas para a Bibliotheca da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes desde 18 de dezembro de 1894 até 24 de novembro de 1895

Designação das publicações	Numero de volumes N.º de folhetos e fasc.	Observações	Designação das publicações	Numero de volumes N.º de folhetos e fasc.	Observações
Académie des inscriptions et belles lettres.....	7	Offerta da sociedade.	Grece (En) excursions archeologiques, por Diehl.....	29 100	
Agricultura prehistorica, por D. Juan Villa.....	1	Idem do auctor.	Industria agraria, por J. M. Esteves Pereira.....	1	Offerta do sr. Rocha Dias.
Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira, por Santos Rocha.....	1	Idem do auctor.	Index universal da Liv. Brockhaus em Leipzig.....	1	Idem do auctor.
Apontamentos para a historia da villa e concelho de Cascaes, por Borges Barruncho	1	Idem do sr. Cavalleiro e Sousa.	Inscript ons chretiennes de l'époque Mérovingienne, por Cazalis de Fondouce.....	18	Idem da livreria
Archeologo Portuguez (O)...	8	Idem do sr. Leite e Vasconcellos.	Inscrições e lettreiros da cidade de Braga e algumas freguezias ruraes, por Albano Bellino.....	1	Idem do auctor.
Arte Portugueza.....	6	Por assignatura da associação.	Inscrições romanas de Braga, por Albano Bellino.....	1	Idem idem.
Artes e Artistas em Portugal, por Sousa Viterbo.....	1	Por aquisição da associação.	Inscriptions romaines de Lunel-Viel, por Cazalis de Fondouce	1	Idem idem.
Atti del collegio degli ingegneri e degli architecti in Palermo.....	1	Offerta da sociedade.	Irmadade do Santissimo Sacramento da freguezia de Nossa Senhora da Cande'aria e suas repartições, côro, caridade e hospital de Lazaros, por Marques Pinheiro..	2	Idem idem.
Boletim da Camara do Commercio e industria de Lisboa..	10	Idem da Camara do Commercio.	Izabel (D.) d'Aragão — Rainha Santa, por J. M. Ribeiro de Vasconcellos.....	2	Idem idem.
Boletim da Direcção Geral de Agricultura.....	13	Idem do ministerio d'Obras publicas.	Memoria justificativa e descriptiva das obras executadas na egreja de S. Roque de Lisboa desde 12 de outubro de 1893 até 18 de junho de 1894, por Antonio Cesa Mena Junior.....	1	Acquisição da bibliotheca.
Boletim da propriedade industrial (publicação official)...	1	Idem do respectivo ministerio.	Memoria da sociedade scientifica Antonio Alzate.....	1	Idem do auctor (em duplicado).
Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa.....	14	Idem da sociedade.	Minerva—Revista scientifica de la sociedad de ingenieros de Puebla — Mexico.....	1	Idem da sociedade.
Boletim da sociedade Martins Sarmento.....	1	Idem da sociedade.	Museu ethnographico portuguez, por Leite e Vasconcellos ..	1	Idem idem.
Bulletin historique et philologique du comité des travaux historiques et scientifiques..	1	Idem do sr. Cazalis de Fondouce.	Musée Social (Le).....	1	Idem idem.
Bulletin trimestral des publications de la librairie Jouve et C ^a	1	Idem da livreria.	Nature (la) revue de sciences.....	3	Idem idem.
Catalogue Hasenauer.....	1	Idem idem.	Noticias de Penella — apontamentos historicos e archeologicos, por Delfim José de Oliveira.....	1	Idem do sr. Cavalleiro e Sousa.
Catalogo do museu archeologico de Beja.....	4	Idem da camara de Beja.	Numismatica da India Portugueza, por José Maria do Carmo Nazareth.....	1	Idem do auctor.
Catalogue Karl W. Hiersemann	1	Idem da livreria.	Parecer da commissão de contas — Gerencia de 1894 (Camara do commercio).....	1	Idem da camara.
Catalogue V.º Ch. Dunod et P. Vicq.....	1	Idem idem.	Pel iii centenario d'ella morte di Torquato Tasso — Adunanza del 19 maggio 1895 tenuta della R. Accademia di scienze, lettere e belli arti..	1	Idem da Academia.
Construction moderne.....	34	Assignatura da associação.	Pierre l'hermite son histoire et sa légende, par Comte de Maray.....	1	Idem do auctor.
Deus Bracarense, por Leite e Vasconcellos.....	1	Offerta do auctor.	Public museum of the City of Milwaukee (réport).....	1	Idem da direcção.
Descripção historica e economica da villa de Torres Vedras, por Miguel Agostinho Madeira Torres.....	1	Idem do sr. Cavalleiro e Sousa	Rapport à Mr. le Marquis de Crosier sur les travaux du comité du Fenistère, par Ernest de Kerros.....	1	Idem do auctor.
Emblemate quel sit emblema unel sumpta emblematis invento de qui suis usu et ratione.....	1	Idem do sr. Rocha Dias.	Relatorio da direcção da companhia de seguros Fidelidade, de 1894.....	1	Idem da direcção.
Estudos Eborenses — Os estudantes — Volta de Cenaculo — Versos eborenses do século xviii, por Gabriel Pereira.....	3	Idem do auctor.			
Elementos para a historia do municipio de Lisboa, por Eduardo Freire d'Oliveira ..	7	Idem do sr. Rocha Dias.			
Electro-Homeopathia.....	5	Idem da direcção.			
Estudo sobre as antas e seus congenes, pelo rev. padre Espanca.....	1	Idem do auctor.			
Estatuto geral approvedo pela assemblea geral em sessão de 3 de junho e sancionado por alvará de 3 de julho de 1895 (Sociedade de Geographia)	1	Idem da sociedade.			
Fonderie antique de bronze (une) por Cazalis de Fondouce	1	Idem do auctor.			
	29 100			38 185	

Designação das publicações	Numero de volumes N.º de folhetos e fasc.	Observações	Designação das publicações	Numero de volumes N.º de folhetos e fasc.	Observações
Resumos de architectura	38 135	Idem da redacção. Faltam numeros.	français — Annuaire pour l'année 1895.....	42 169	Idem da sociedade.
Revista critica e historica y literaria españolas.....	- 4	Idem idem. Faltam numeros.	Statistica del commercio special di importazione e di esportazione dal 1.º gennaio al 31 marzo 1894.....	- 1	Idem do ministerio delle finance.
Revista das Escolas.....	- 15	Idem idem.	Union libro — Americana.....	- 9	Idem da redacção.
Revista da sociedade de geographia do Rio de Janeiro — 3.º e 4.º Boletim.....	- 2	Idem da sociedade.	Viagens ás terras, por Oscar Leal.....	1 -	Idem do auctor.
Revista de la sociedade central de architectos.....	- 7	Idem idem. Faltam numeros.	Viagens a um paiz de selvagens, por Oscar Leal.....	1 -	Idem idem
Serra da Estrella, por Adelino d'Abreu	1 -	Idem do auctor.	Villa Viçosa (Compendio de noticias de) pelo padre Espanca Vizeu — Apontamentos historicos, por Maximiano d'Aragão	1 -	Idem idem.
Situação do paiz — Abalos da sociedade portugueza, por Joaquim Silvano, filho.....	- 1	Idem idem.		1 -	Idem idem. Falta o 1.º volume.
Smithsonian Institution (Washington) annual report of the board of regents of regents of the smithsonian institution. (Relatorios de julho de 1891 a junho de 1892).....	3 -	Idem da instituição.			N. B. Não incluimos n'este mappa os jornaes por virem especia-isados no relatório, e por nenhum d'elles formar collecção completa.
Société centrale des architectes	42 169			46 180	

APONTAMENTOS DE LEGISLAÇÃO PORTUGUEZA

Anno de 1889 ¹

(PRINCIPIO DO REINADO DO SENHOR D. CARLOS)

Proclamação feita ao paiz por Sua Magestade em 19 de outubro.

Estabeleceu-se por decreto d'esta data o formulario com que durante o novo reinado deviam ser expedidos os diplomas e actos do governo e das auctoridades.

Em 5 de dezembro foram convocadas as côrtes extraordinariamente para o juramento e aclamação d'el-rei. Publicou-se na mesma data o programma para esta sessão solemne, que se realisou em 28 de dezembro.

Edificios de conventos extinctos e outros.

Diversas obras

Concedeu o governo provisoriamente á *Associação auxiliar da missão ultramarina* o edificio e cerca do supprimido convento de Santa Maria de Arouca, para estabelecimento de um instituto de catechistas, mestras e enfermeiras. Decreto de 7 de novembro.

Foi, por decreto de 12 de dezembro, auctorizada a misericórdia de Veiros a acceitar a doação de uma

morada de casas para alargamento do respectivo hospital; e, por decreto de 28 do mesmo mez, concedido provisoriamente á condessa de Sampaio e outros moradores da freguezia de Alcantara o edificio do supprimido convento de Nossa Senhora da Quietação, ao Calvario, para ser creado ali um instituto de assistencia operaria.

Expropriações urgentes e de utilidade publica. Datas dos decretos

Expropriação de varios terrenos e casas para melhoramentos no mercado do concelho de *Pazos de Ferreira*; novembro, 7. — de um terreno para alargamento da rua dos Condominhas na freguezia de Lordello do Oiro, da cidade do *Porto*; novembro, 7. — de varios terrenos e barracas para abertura e continuação de ruas na cidade de *Braya*; novembro, 7. — de uma porção do passal do parochio da freguezia de *Rossas*, conc. de *Arouca*, para o cemiterio da mesma freguezia; novembro, 14. — de uma porção de terreno para alargamento da avenida entre a igreja e o cemiterio da freguezia de *Rio Covo*, conc. de *Barcellos*; novembro, 21. — de duas parcelas de terreno de casas e quintaes para construção da avenida para a estação de *Vizen*; novembro, 21. — de varios terrenos para canalisação de aguas e abastecimento da villa do *Peso da Regua*; dezembro, 3. — dos terrenos denominados da *Gafanha* para exploração de aguas, irrigação de hortas, viveiros e pomares da *Escola pratica de viticultura e pomologia da Bairrada*; dezembro, 31.

Instrução publica

Por decreto de 14 de novembro foi considerada instituição auxiliar do real padroado portuguez a

¹ As providencias mais importantes da governação publica desde o principio até ao fim do reinado de D. Luiz I, estão indicadas na *Historia dos Estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos de Portugal*, pelo conselheiro José Silvestre Ribeiro (tomos xvi e xvii). Póde ver-se tambem o tomo xviii d'esta obra, que contém o indice geral de todas as materias de que o erudito academico fez menção. Para auxiliar na consulta da legislação de 1833 a 1868, veja-se o *Indice remissivo* compilado por Francisco de Lencastre.

Escola agricola colonial de S. Pedro de Penaferrim em Cintra, destinada á formação de catechistas e professores auxiliares das missões ultramarinas.

Escola pratica de agricultura em Mirandella. — Foi creada por decreto de 27 de dezembro.

Propriedade litteraria e artistica. — Ratificação do accordo celebrado entre Portugal e o Brazil. Decreto de 28 de dezembro.

Anno de 1890

Associações. — Casos em que podem ser dissolvidas; decreto de 29 de março, que, com certas modificações, foi approved por lei de 7 de agosto.

Autorisações para se realisarem melhoramentos municipaes. — Approvação dos contratos para serem illuminadas a gaz as cidades de Aveiro, Covilhã e Leiria; Leis de 19 e 27 de agosto.

Tambem por lei d'esta data foi approved o contracto celebrado entre a camara municipal de Setubal e João Flores para abastecer de aguas aquella cidade.

Concedeu-se á camara municipal das ilhas de Goa o arruinado *forte de Gaspar Dias*, na margem esquerda do Mandovy, assim como o recinto adjacente para construcção do *cemiterio publico*; Decreto de 29 de maio.

Bill de indemnidade ao governo pela promulgação do decreto de 8 de agosto de 1889, que creou em Lisboa um *curso de opthalmologia*, e de outras providencias, desde 10 de fevereiro a 5 de abril de 1890; Lei de 7 agosto.

Edifícios de conventos extinctos e outros.

Diversas obras

Autorisada a irmandade do Santissimo da freguezia da Sé, na cidade de *Portalegre*, a alienar uma inscripção, para, com o producto, proceder a *obras na sua capella*; Decr. janeiro, 3.

Porto artificial de Mormugão. — Regulamento geral, decretado em 9 de janeiro.

Defeza de Lisboa e seu porto. — Obras de fortificação. Decr., fevereiro, 10.

Fundo permanente de defeza nacional. — Foi creado por decreto de 10 de fevereiro, para se applicar exclusivamente ás *fortificações e mais construcções militares*, assim como á aquisição de material de guerra tanto terrestre como naval.

Em 5 de março decretou-se a auctorisação á *misericordia da cidade de Silves*, para applicar certa quantia a diversos reparos urgentes no *hospital e na igreja*.

Por decreto de 28 de março foram creadas 126:300 obrigações de 90\$000 réis cada uma, para applicar parte do seu producto a obras nos *portos de Vianna do Castello e Figueira da Foz*, na enseada da Povoia de Varzim e na *abufeira da ribeira de Seda*.

Concedidos provisoriamente á junta de parochia de S. Bartholomeu da Castanheira o edificio com suas pertencas, igreja e cerca do *supprimido convento de N. Sr.^a de Suberra*, para ali estabelecer a séde da parochia, a *casa de residencia do parochio*, e as *escolas de instrucção primaria para o sexo masculino e feminino*; Decr., março, 29.

Autorisada a misericordia da cidade de Guimarães a levantar um emprestimo para obras no seu *hospital*; Decr., abril, 17. — Idem a commissão administrativa do *collegio de S. Caetano*, da cidade de Braga, a alienar diversos titulos para applicar o seu producto á construcção de um *edificio collegial*; Portaria, abril, 24. — Idem a irmandade do Santissimo da freguezia de N. S.^a da Encarnação de Lisboa, a contrahir um emprestimo para obras no edificio da *egreja e suas dependencias*; Decr., maio, 1.

Estabelecimento das Caldas de Vizella. — Approção dos projectos de obras emprendidas pela respectiva companhia; Portaria, maio, 7.

Misericordia da cidade de Ponta Delgada. — Auctorisada a applicar certas verbas á conclusão das obras do seu hospital; Decr., maio, 13.

Ordem 3.^a de S. Francisco da cidade de Guimarães. — Auctorisada a contrahir um emprestimo para obras no edificio do extincto *convento de S. Francisco* da mesma cidade.

Manutenção do estado em Lisboa. — Credito especial para as obras d'este edificio; Decr., julho, 4.

Junta geral do districto de Portalegre. — Foi convocada extraordinariamente para deliberar a respeito do *asylo districtal em construcção*; Decr., julho, 9.

Obras no porto e barra de Vianna do Castello. — Credito especial. Decr., julho, 16.

Construcção, modificação e reparação de novos quarteis e edificios milltares. — Credito especial. Decr., julho, 17.

Edificio da Academia Polytechnica do Porto. — Credito especial. Decr., julho, 23.

Misericordia da cidade de Setubal. — Auctorisada a contrahir um emprestimo para obras do novo *hospital no extincto convento de Jesus*. Decr., julho, 29.

Misericordia da villa de Cantanhede. — Auctorisada a contractar definitivamente com a junta de parochia da respectiva freguezia a compra do edificio da igreja do antigo *convento de Santo Antonio* d'aquella villa e o terreno annexo, que tem servido de cemiterio, e cujo encerramento fôra já competentemente resolvido, para estabelecer um hospital; Decr., agosto, 5.

Portos artificiaes de Leixões, Ponta Delgada, Horta e Funchal. — Creditos especiaes. Decretos, agosto, 13; outubro, 25; novembro, 27; dezembro, 11.

Melhoramentos do porto de Lisboa. — Credito especial. Decr., agosto, 13.

Cadeias geraes penitenciarias. — Credito especial. Decr., setembro, 15.

Por decreto de 29 de setembro foram concedidas á junta de parochia da freguezia de S. Mamede da cidade de Evora a igreja do *extincto convento de S. José*, sacristia, casas e celleiros respectivos para estabelecimento da séde da mesma freguezia.

Obras nos quarteis da guarda municipal de Lisboa. — Credito especial. Decr. de outubro, 25, e novembro, 27.

Irmandade do Bom Jesus da Cruz da villa de Barcellos. — Auctorisada a adquirir uma casa com quintal para *hospital* exclusivo dos irmãos. Decr., outubro, 28.

Misericordia da cidade do Porto. — Auctorisada a applicar ao seu *hospital* o producto da venda de um legado. Decr., outubro, 30.

Irmandade de N. Sr.^a das Dores da cidade de Braga. — Auctorisada a levantar dos proprios capi-

taes uma certa quantia para *reparações na sua egreja*. Decr., novembro, 6.

Construção do edificio para a Escola Medico-Cirurgica de Lisboa. — Approvado o projecto e orçamento, ordenando-se tambem a execução dos respectivos trabalhos. Portaria, dezembro, 9.

Exploração de minas, pedreiras e saibreiras. — Foram approvadas as instrucções sobre o estado das industrias d'esta exploração. Decr., junho, 26.

Expropriações urgentes e de utilidade publica. Datas dos decretos

Expropriação de parte de um predio para alargamento e alinhamento da rua dos Murraceiros na cidade de Lagos; janeiro, 30. — de um terreno para *ampliação e aformoseamento do mercado da villa de Condeixa*; fevereiro, 12. — de um terreno para *construção do cemiterio da freguezia de Sendim*, concelho de Felgueiras; fevereiro, 23. — de um terreno do passal do parcho da freguezia de Avintes, concelho de Villa Nova de Gaia, para *ampliação do cemiterio da mesma freguezia*; março, 13. — de um terreno para *ampliação do cemiterio da freguezia de Varziella*, concelho de Felgueiras; março, 27. — de umas casas de moinhos e quintal para *melhoramento do campo da Feira*, na cidade de Guimarães; abril, 8. — de um terreno para *construção do quartel do posto fiscal denominado Barreiras do Trjo*; abril, 10. — de um terreno para *construção do posto fiscal denominado Foz de Aravil*; Idem, idem. — de um terreno para *construção do quartel do posto fiscal denominado Alares*; Idem, idem. — de quatro barrações e uma porção de terreno para *alargamento, embellezamento e melhor vedação do parque denominado D. Carlos I*, na villa das Caldas da Rainha; abril, 24. — de tres casas para *alargamento e alinhamento da rua do Marquez de Pombal* na cidade de Lamego; maio, 29. — de parte de um mirante e terreiro para *construção de um mercado na praça do Principe*, na cidade de Vianna do Castello; Idem, idem. — de uma porção de terreno para *alargamento da feira de gado* na séde do concelho de Paredes de Coura; junho, 11. — de uma porção de terreno para *construção de uma cazeta destinada a quartel das praças do posto fiscal de Villarelho*; junho, 12. — de diversos predios para abertura de uma *avenida da cidade de Braga ao Bom Jesus do Monte*; junho, 19. — de tres terrenos para *construção do cemiterio da freguezia de Santa Maria Magdalena*, concelho de Villa Nova de Gaia; Junho, 26. — de duas parcelas de terreno e cavoucos para *alargamento e alinhamento da rua das Amoreiras da cidade de Lisboa*; julho, 2. — de um terreno para o *cemiterio da freguezia de Perosinho*, concelho de Villa Nova de Gaia; Julho, 13. — de um terreno do passal do párocho da freguezia de S. Julião do Calendario, concelho de Villa Nova de Famalicão, para *construção do cemiterio da mesma freguezia*; julho, 28. — de um terreno para *melhoramento e alargamento da estação n.º 13 de soccorros contra incendios* junto ao largo da Graça, da cidade de Lisboa; julho, 29. — de duas parcelas de terreno para *ampliação do cemiterio da freguezia de Valbom* e alargamento do caminho que ali conduz; agosto, 27. — de um terreno para *alargamento da rua de Arroyos* na cidade de Lisboa; setembro, 13. — de

uma casa para *construção dos paços do concelho e repartições publicas da villa de Arraiolos*; outubro, 23. — de duas casas e parte de um quintal para *melhoramento do largo de Fradellos* na cidade do Porto; novembro, 6. — de duas parcelas de terreno para *construção do reservatorio de aguas no alto de Santo Amaro*, da cidade de Lisboa; novembro, 20. — de um terreno para *canalisação de aguas em proveito da villa da Vidigueira*; dezembro, 11. — de um terreno para *construção do estabelecimento balnear das aguas do Gerez*; dezembro, 21. — de uma porção de terreno e de uma casa para *alargamento e alinhamento da rua do Villar* na cidade do Porto; dezembro, 30.

Funcionarios

Pela portaria de 3 de novembro foi suscitada a rigorosa observancia das disposições legais relativas ao abono de ajudas de custa e subsidios de marcha aos empregados dos serviços technicos de obras publicas.

Instrução publica

Em carta regia de 9 de janeiro, declarou-se S. M. El Rei protector da Universidade de Coimbra.

Pela portaria de 28 de janeiro mandou-se accrescentar ao *Boletim da direcção geral de agricultura* mais uma secção destinada á publicação dos relatorios consulares e informações agricolas estrangeiras.

Escola municipal secundaria na villa de Torres Vedras. — Foi creada por decreto de 6 de fevereiro.

Institutos de ensino secundario do sexo feminino. — Approvado o respectivo regulamento. Dec. 6 de março. Instrucções aos governadores civis e aos inspectores de instrução secundaria para a fundação d'aquelles institutos. Circulares de 10 de março.

Foram concedidos provisoriamente á junta de parochia da Vinha da Rainha, concelho de Soure, dois predios para estabelecimento da *escola primaria, habitação do professor e residencia do parcho*. Decreto, março, 20. Declarou-se que os dois predios concedidos a esta junta de parochia deviam ser exclusivamente applicados ao estabelecimento da escola e habitação do professor. Decr., setembro, 29.

Conservatorio Real de Lisboa. — Regulamento decretado em 20 de março.

Escolas praticas de agricultura e de viticultura. — Regulamento. Dec., março, 27.

Ministerio da instrução publica e bellas artes. — Creado por decreto de 5 de abril.

Escola industrial Fradeso da Silveira, em Portalegre. — Foi creada por decreto de 10 de abril.

Decretou-se a criação de uma *Escola pratica de infantaria* na villa de Mafra, e de uma *Escola pratica de cavallaria* provisoriamente em Villa Viçosa. Abril, 17.

Em officio de 30 de abril recommendou-se aos governadores civis a adopção de providencias para *se evitar o desaparecimento ou extravio dos objectos de arte e de valor historico pertencentes aos conventos que se forem supprimindo*.

Escola municipal secundaria na villa de Amarante. — Passou a ter esta denominação o instituto de en-

sino ali estabelecido pela camara respectiva. Decreto de 29 de maio.

Lyceu Nacional. — Foi elevada a esta categoria a *Escola municipal secundaria da villa de Amarante*. Decr., agosto, 27.

Bibliothecas municipaes. — Constituem um serviço do municipio que as camaras teem a faculdade de dotar sem dependencia de approvação de qualquer outra auctoridade ou corporação de officio publico. Decr., junho, 18.

Conselho superior de instrucção publica. — Sua reorganisação. Lei, agosto, 7; Decr., setembro, 10. Regulamento; Decr., setembro, 25.

Secretaria d'estado dos negocios de instrucção publica e bellas artes. — Sua organisação. Decr., agosto, 22.

Escola do exercito. — Plano de reorganisação. Decr., setembro, 12. Suspensa a execução d'este decreto por outro com data de 21 de outubro.

Real collegiada de Nossa Senhora da Oliveira da cidade de Guimarães. — Auctorisado o governo a conservar e reorganisar esta collegiada com a obrigação de ensino publico e gratuito. Lei, setembro, 14.

Inquerito sobre o estado, condições e necessidades das industrias do paiz e situação dos respectivos operarios. — Regulamento; Decr., maio, 16.

Liberdade de imprensa. — Restricções. Decr., março, 29. Lei, agosto, 7.

Moeda

Prohibida a importação dos soberanos e meios soberanos de cunho anterior ao do reinado da actual rainha de Inglaterra e regulada a entrega e troca dos que estivessem em circulação em Portugal. Decreto, fevereiro, 22.

Posturas municipaes

A policia de Lisboa compete a fiscalisação d'estas posturas em toda a área do municipio. Portaria, outubro, 30.

Em 28 de maio foi decretado o seguinte:

E' da competencia dos tribunaes administrativos resolver as questões sobre edificações e construcções urbanas feitas em contravenção dos regulamentos municipaes ou administrativos.

Os visinhos de predios urbanos teem direito a reclamar contra o senhorio que fizer n'um saguão ou pateo alguma construcção ou obra em contravenção dos regulamentos municipaes e com prejuizo da hygiene ou segurança dos moradores.

Proclamações civicas

Regulada a sua permissão. Decr., março, 29. Lei, agosto, 7.

Sucessão ao throno

Pelo decreto de 9 de junho considerou-se feriado o dia 14 d'este mez, em que S. A. o Principe Real foi reconhecido pelas côrtes como successor ao throno portuguez.

(Continúa)

AS NOSSAS GRAVURAS

RUINAS DE CETOBRIGA

Acompanhamos o artigo do ex.^{mo} sr. Almeida Carvalho de duas gravuras representando vistas das ruinas de Cetobriga, segundo photographias tiradas por 1866 ou 1867; ha uns trinta annos.

Actualmente as areias tem novamente coberto em grande parte essas construcções.

As gravuras mostram os restos de um predio de dois pavimentos com largo portão voltado ao mar, e fortes e extensas paredes de outros edificios.

Pelo fallecimento do ex.^{mo} sr. Possidonio da Silva, foi eleito presidente da assembléa geral da Real Associação o ex.^{mo} sr. conde de S. Januario. O ex.^{mo} conde é um dos nossos mais antigos socios.

A biographia do sr. Possidonio da Silva, acompanhada de notas sobre os seus trabalhos de architecto, archeologo e escriptor, foi superiormente elaborada pelo nosso socio sr. Costa Goodolphim (Lisboa, Typ. Universal, 1894).

Em breve se realisará no Museu do Carmo uma sessão solemne consagrada á memoria do illustre fundador. O sr. visconde de Castilho, o illustre escriptor, encarregou-se de fazer e pronunciar o elogio historico, e o sr. Felix da Costa está pintando o retrato.

ASSIGNATURA. — Anno, 4 numeros, 600 réis. — Ultramar e estrangeiro, accresce a franquia do correio. — Numero avulso, 200 réis.